

A Defeza Nacional

REVISTA DE ASSUMPTOS MILITARES

ANNO II

Rio de Janeiro, 10 de Dezembro de 1914

N° 15

Grupo mantenedor: Bertholdo Klinger, Joaquim de Souza Reis, Francisco de Paula Cidade (redactores); Estevão Leitão de Carvalho, Mario Clementino, Lima e Silva, Parga Rodrigues, Jorge Pinheiro, Pompéo Cavalcante, Euclides Figueiredo, Taborda, Amaro Villa Nova, Maciel da Costa.



SUMMARIO

EDITORIAL

O recrutamento systematisado e o culto do dever pelo official
PARTE JOURNALISTICA

Ministerio Caetano de Faria.....	Redacção
Lei de promoções.....	Capitão H. Seixas
Ainda o novo R. T. A.....	Redacção
O cavallo de guerra.....	Tte Cel Assis Brazil
Arma de engenharia.....	2º Tte Arthur J. Pamphiro
Notas de clinica veterinaria.....	1º Tte Paulo Raymundo
Raid de patrulhas de cavallaria ..	1º Tte B. Klinger.
Codigo de signaes para a artilharia.	1º Tte Pompeu Cavalcanti
Themas de tiro para a artilharia de campanha	Capitão Lima e Silva

NOTICIARIO

As divisões do Exercito e sua artilharia — A fortificação de campanha na França — Uma nota sobre a subscrispção de que tratou o n. 13 — O Gr. E. M. — Os picadores do Exercito — A continencia — Politica e lei de promoções — Emprego e exame do material telephonico da artilharia de campanha allemã — O alto commando do exercito — Engajamento de inferiores — Professores militares — Fusil 1908 — Subscrispção para as familias das victimas dos "fanaticos" do Contestado — Expediente

Representantes da “A Defeza Nacional”

No Rio de Janeiro

M. G. — 2.º Tte Antonio B. Guillon.
Gr. E. M. — Cap. Goffredo Soares.
D. G. — 1.º Tte J. A. Coelho Ramalho.
G. 2 — Cap. M. H. da Costa Santos.
G. 4 — Cap. H. Augusto Seixas.
D. A. — 1.º Tte Benedicto O. da Silveira (ex).
2.º Tte J. V. Dias dos Santos.
IX R. — 2.º Tte Newton Cavalcanti.
VIII R. — 2.º Tte A. G. de Souza Mendes.
Ia Br. — 1.º Tte O. Villa Bella e Silva.
Br. Mixta — 2.º Tte Christovam Barcellos.
Br. Pol. — Major Raymundo P. Seidl (ex).
1.º Tte A. Cunha Pitta.
Iº R. I. — 1.º Tte J. F. Jucá.
2º R. I. — Cap. J. Sotero de Menezes.
3º R. I. — 1.º Tte M. de Castro Ayres.
52º Caç. — 1.º Tte E. Leitão de Carvalho.
56º Caç. — 1.º Tte Arminio B. de Moura.
58º Caç. — 1.º Tte J. de Souza Reis.
Ia Cia. Metr. — Aspte Maciel da Costa (ex).
Aspte João Pereira de Oliveira.

Arsenal — Major Heitor C. Borges.
C. Deputados — Coronel Moreira Guimarães.
1º R. Cav. — Capitão J. Furtado.
13º R. Cav. — 2.º Tte Sylvestre Mello.
1º Pol. Est. — 1.º Tte José Bonifacio de S. Pinto.
1º E. Trem — 2.º Tte Cedar Marques da Silva.
1º R. A. — 1.º Tte Manoel de B. Lins.
Grupo Ob. — 2.º Tte Fiúza de Castro.
1º Bat. Art. — Cap. F. Escobar de Araujo.
2º Bat. Art. — 1.º Tte Odilon A. de Araujo.
Imbuhy — Cap. Luiz Lobo.
1º Bat. Eng. — Tte Procopio de Souza Pinto.
Comm. Fortificação — 1.º Tte J. Francisco Duarte.
E. M. — Realengo, 1.º Tte Luiz M. de B. Fournier.
Aspte Onofre G. de Lima.
E. E. M. — Praia Vermelha, 2.º Tte J. Mello.
Coll. M. — 2.º Tte Q. de Castro e Silva.
2.º Tte Maximiliano Fonseca (interino)
Casa Militar — 2.º Tte Euclides da Fonseca.
Fabr. Realengo — 1.º Tte F. A. B. Bittencourt (ex)
1.º Tte Freire de Vasconcellos.

Fóra do Rio de Janeiro

50º Caç. — Bahia, 2.º Tte Leal de Menezes.
53º Caç. — Lorena, 1.º Tte Mauricio J. Cardozo.
10º R. I. — P. Alegre, 1.º Tte J. Guédés da Fontoura
5º R. Cav. — S. Luiz, Tte Cel Leovigildo Paiva.
10º R. Cav. — S. Anna, 1.º Tte Octavio Pires Coelho
11º R. Cav. — Bagé, Tte Cel Angelino Cl. de Carvalho
12º R. Cav. — Jaguarão, 2.º Tte Carlos P. da Silva.
II Br. Cav. — Alegrete, 1.º Tte Alexandre Fontoura.
Coll. Barbacena — 1.º Tte Eduardo C. de A. Sá.
Coll. P. Alegre — 1.º Tte Vicente da Fonseca.
1.º Tte Alexandrino Cunha (repr. honorario).
S. Gabriel, 1.º Tte Glycerio Gerpe.
VII Reg. — 1.º Tte J. L. Padilha.
XI Reg. — Capitão O. G. de Senna Braga.
XII Reg. — 1º Tte Amaro Villa Nova.

3º R. Art. — Cruz Alta, Major J. Caetano Pereira.
3º B. Art. — 1.º Tte Serôa da Motta.
4º B. Art. — Obidos, Cap. Philadelpho Cunha.
5º B. Art. — Pará, Cap. R. F. de Vasconcellos Leão.
6º B. Art. — Bahia, Tte Cel Pimenta.
7º B. Art. — Ipanema, Tte Felisberto Leal (ex).
Tte Leovigildo Areco.
8º B. Art. — Florianopolis, Major L. Cabral Teive.
9º B. Art. — Rio Grande, Tte Sylvio Schleider.
16º Grupo — Tte Leunam Ribeiro.
18º Grupo — Bagé, Major Wiedemann (ex).
Tte Salvador Obino.
Fabr. de Piquete — 1.º Tte Antonio R. de Rezende.
Carta Geral — 1.º Tte Raymundo Sampaio.
Cap. J. Eduardo Pfeil (ex.)

Em vista das dificuldades para obtermos cobrador idoneo, pedimos aos Srs. assignantes avulsos do Rio de Janeiro, que cada um engendre um meio de quitação, por exemplo: — Caixa 1602 — ou — Tte Leitão, 52 Caçadores — ou — Tte Klinger, 1º Regimento de Artilharia — ou — Papelaria Macedo Rua da Quitanda 74. — *Assignaturas:* Semestre 5\$000, anno 10\$000.
Pagamento adiantado.

A Defeza Nacional

REVISTA DE ASSUMPTOS MILITARES

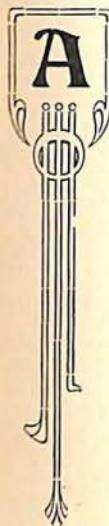
Redactores — Tenentes: BERTHOLDO KLINGER, J. DE SOUZA REIS e F. DE PAULA CIDADE

N.º 15

Rio de Janeiro, 10 de Dezembro de 1914

Anno II

EDITORIAL



EXECUÇÃO do serviço militar obrigatorio, trazendo á caserna, em épocas fixas, os contingentes dos conscriptos, fará desaparecer da tropa os inconvenientes que se prendem ao actual recrutamento, mas não basta para lhe dar o aspecto marcial e a efficiencia que todos desejamos.

Sanado esse mal, que se resume na incorporação irregular e insuficiente de hoje, outros males, agora encobertos por elle, se tornarão flagrantes e assumirão uma importancia que actualmente ninguem lhes empresta. A acção do tempo irá pondo-os á mostra, e só a continuidade dos esforços para augmentar, cada vez mais, o valor da tropa, poderá corrigil-os.

Quando os homens forem incorporados em um só dia e tenham saude e robustez physica, não haverá mais como attribuir aos pequenos effectivos e á má qualidade dos recrutas, o aspecto bisonho, a falta de compostura militar e a pouca efficiencia para o combate, que caracterisam o nosso soldado de hoje. A instrucção poderá fazer-se normalmente em todos os seus tramites, desde o ensino individual até á escola das unidades, e é a nós officiaes que cabe vencer, pelo trabalho e pelo estudo, a delicada tarefa que o regimen da conscripção nos impõe, para que a

tropa se apresente com a instrucção e o aspecto marcial peculiares aos bons exercitos.

Com a execução do sorteio, pesará sobre nós uma grande responsabilidade, serão postos á prova nossa competencia profissional e nosso amor ao serviço e é preciso — para honra nossa e do Exercito — que nos saímos bem dessa difficil empreza. E só o alcançaremos fazer, se a nossa acção se pautar por um extremado culto do dever.

E' preciso, por isso, que nos dediquemos aos mistéries profissionaes como a um verdadeiro sacerdocio, mostremos á Nação que podemos ser os depositarios de sua confiança, na honrosa e ardua missão de preparar a mocidade brazileira para a defesa da Patria, e que temos essa energia moral com que, por entre mil vicissitudes, se conduzem tropas á victoria.

O serviço militar obrigatorio é um grande bem e uma medida indispensavel á Nação e é preciso que não redunde num mal para o Exercito.

Nós teremos que enveredar resolutamente pelo caminho do *cumprimento do dever profissional*. E essa expressão não traduz uma aspiração theorica, de sentido vago, a que se possa dar uma significação mais ou menos elastica, de modo a nos acharmos sempre quites com as nossas obrigações... Ella traduz, antes, um facto concreto, de facil constatação, a que se podem traçar precisos limites.

Para os officiaes arregimentados, sobre os quaes recahirão, em maior parte, o tra-

balho e as responsabilidades inherentes ao serviço militar obrigatorio, o *cumprimento do dever* abrange quesitos facéis de salientar.

Cumprir fielmente o horario da instrucao e observar um programma previamente estabelecido.

Ahi estão condensadas duas necessidades primordiaes, a 1^a, que não se sente hoje porque os homens ficam indefinidamente nas fileiras, a 2^a, que é humanamente impossivel satisfazer enquanto não está fixada uma época de incorporação, portanto de inicio do ensino progressivo.

O cumprimento fiel do horario subentende a rigorosa pontualidade tanto no inicio como no termo das sessões de instrucção. Além de ser uma imposição da educação militar e civil, considere-se que si fosse possivel reduzir as horas de instrucção, melhor fôra diminuir o tempo de serviço, baixar esse imposto pago pelo conscripto que vem á fileira expressamente para receber instrucção.

E por mais respeitavel que seja esse interesse individual de reduzir ao minimo o tempo sacrificado ao pre�aro militar, acima delle estaria o da propria Nação — mórmente da nossa, cuja capacidade economica só lhe permitte manter um pequenissimo exercito permanente: quanto menor pudesse ser a duração do serviço tanto maior numero de cidadãos poderiam ser preparados no mesmo espaço de tempo, tanto mais rapidamente obter-se-ia a necessaria reserva de homens preparados para a defesa do paiz.

Estudar constantemente os regulamentos, applical-os sem discrepancia, e exigir dos subordinados o cumprimento rigoroso do que lhes houver sido ensinado, sendo inflexivel na repressão das transgressões.

Si fosse admissivel para cada instructor ou para cada corpo um sistema proprio, um processo especial de ensinar e de resolver assumptos identicos de instrucção, não seriam necessarios os regulamentos. Taes compendios destinam-se

precisamente a uniformizar a conducta de todas as fracções do Exercito, condição indispensavel para a sua unidade de ação.

Assim, nada impede que n'um caso de duvida se consulte immediatamente o regulamento, mesmo á vista dos subordinados. Isso não desabona. O que desabona e é uma falta grave — é ensinar errado só para não parecer que não se sabe.

No periodo de transição que atravessamos, em que, ao cumprimento do dever, falta em geral a sancção superior, é preciso que aquelles que spontaneamente revelam a noção da honestidade profissional, não fraquejem ante a resistencia de certos superiores, nem ante a maledicencia dos preguiçosos.

Ao lado dessa conscientiosa applicação do official como instructor e educador, preparando os homens que a Nação lhe confiou para tornal-os seus efficientes defensores, este mesmo dever apresenta um aspecto indirecto: aproveitar as horas vagas — é preciso tel-as, engendral-as — para o seu proprio aperfeiçoamento profissional. Esse trabalho, graças ao resultante alargamento do horizonte do saber militar, melhor habilita o official para o desempenho do magisterio, ao mesmo passo que é uma estricta obrigaçao sua para com a Patria: manter-se na altura das funcções de seu posto, sem se esquecer do desempenho eventual de funcções mais elevadas.

Leitão - Illingar

A subscrispção cujo resultado começamos a publicar apresenta duas contribuições dignas de especial registro.

Uma é da casa Haupt & Comp., que por um seu representante, insistiu tanto com o Sr. General Vespasiano que S. Ex. teve de aceitar a offerta que consta da lista do gabinete ministerial.

Outra é a dos hospedes do Hotel das Thermas, em Poços de Caldas, angariada pelo Sr. Capitão de corveta Theodoro Jardim, applaudindo «o gesto brilhante» d'A Defesa Nacional que «lançou esse dever entre todos os militares».

Ministerio Caetano de Faria

A Defeza Nacional cumpre um elemental dever de gratidão tornando publico o seu agradecimento pelo continuado e valiosissimo concurso com que sempre a distinguiu o illustre divisionario, em bôa hora elevado á gestão do Ministerio da Guerra.

Desde seu apparecimento, esta Revista contou não só com o decidido apoio material — já proporcionando a impressão das "Cartas sobre a tactica" do general Griepenkerl, já facultando a preparação de clichés nas officinas do Grande Estado Maior — mas tambem com a preziosa collaboração do Sr. General Faria.

Com os seus memoraveis artigos emprestou S. Ex. um valor muito elevado a estas paginas, decorrente não só da sua reconhecida autoridade profissional, como da responsabilidade inherente ao seu cargo. Os trabalhos publicados nos ns. 2 e 4 "Actualidade Militar", Editorial do n. 4, n. 6 "Campos de instrucção", n. 9 "Quadro supplementar", explanam magistralmente uma serie das mais urgentes necessidades do nosso Exercito, e a recapitulação que sobre esta materia fizemos no Editorial do nosso numero ultimo, podia ser inteiramente subscripta por S. Ex., como synthese que é desses seus estudos.

O Exercito deve pois estar confiante na acção de S. Ex., conhedor perfeito dos nossos males, sabedor evidente de seus remedios, e sobretudo — tanto quanto permittam os recursos — firmemente desejoso de cural-os, como affirmou de forma inequivoca por occasião de sua posse.

Klinger.

Ainda o novo R. T. A.

Sob o titulo acima, recebemos do nosso prezado camarada e collaborador capitão Castro e Silva um retruque ás explicações dadas pelos autores do R. T. A. 1914, no n. 14. Sendo um trabalho que não pretende contribuir para maior elucidação dos casos aventados, e pela nossa premente falta de espaço, deixamos de publicalo.

Ha porém no artigo um ponto que devemos consignar: «Os autores do R. T. A. 1914 laboraram em erro» quando afirmam que o Projecto de R. T. A. de 1910 (Castro e Silva — Souza Reis) não é oficial. Esse Regulamento foi aprovado e mandado adoptar por Aviso n. 1023 de 8 de Junho de 1910.

Klinger.

LEI DE PROMOÇÕES

III

Summario: A promoção ou accesso sob o ponto de vista do interesse do Estado — Outras razões e justificações para a modificação da actual lei de promoções — Preceitos constitucionaes a serem observados.

E' um facto incontestavel, de que toda promoção ou accesso requer, a par da benemerencia do acto, idoneidade e competencia para o perfeito desempenho da nova categoria a exercer, e implica o preenchimento de um claro em um quadro de serviço publico, seja este inherent a função civil ou militar.

Toda promoção ou accesso, portanto, dá-se em virtude de uma necessidade do serviço publico, devendo ser feita a escolha para o provimento dos cargos, mediante certas e determinadas condições, tendo em vista, em primeiro lugar, os interesses do Estado. Nestas condições, ella não deve ser caracterizada só pelo facto do individuo pertencer a um quadro do serviço publico. A simples antiguidade de posto ou cargo, desde que não haja exercício da função, não deve constituir elemento unico para uma promoção ou accesso, porquanto, isso seria, ou por outra, será sempre a causa da desorganisação dos serviços geraes do Estado, pela facilidade da obtenção de uma honraria, comodamente adquirida.

Esse criterio, além de ser um incentivo ao abandono da função profissional, é tambem uma iniquidade aos que nella moirejam e que têm sobre si todas as responsabilidades.

Infelizmente, tem sido essa a norma de acção em casos taes.

No nosso meio militar então essa situação se desvenda de um modo entristecedor, e, si continuar a prevalecer semelhante sistema, facilitando-se a obtenção de accesso aos postos hierarchicos, sem nenhuma prestação de serviço profissional, só pelo facto de pertencer ao quadro do Exercito, e por força da fatalidade do tempo decorrido, jamais haverá estímulo, o Brazil será sempre prejudicado em sua efficiencia militar e assim nullo o seu elemento de segurança.

Para comprovar essa asserção basta expor o seguinte: Em consequencia da

facilidade em ser permittido o afastamento de officiaes das fileiras do Exercito, para exercerem commissão, emprego ou função estranha ao serviço militar, sem perda alguma de vantagens, a não ser unicamente a gratificação que é menor que o soldo, acham-se os corpos sempre desfalcados daquelles elementos, causando isso prejuizos ao serviço e embaraços á organisação da tropa.

Si por qualquer circumstancia houver necessidade de ser feita uma mobilisacão, essa situação precaria por falta de effectivos se accentua então com todos os detailes como tem acontecido, mostrando assim a nenhuma efficiencia das forças destinadas á defesa da Nação, o que constitue um serio perigo.

As autoridades superiores do Exercito têm luctado sempre com mil difficultades para melhorar esse estado de cousas e ficam mesmo em serios embaraços quando têm de resolver um dos mais importantes problemas da guerra — *a mobilisacão*.

A' falta de uma lei, que possa tiralas dessa critica situação, recorrem então as nossas autoridades ao unico meio disponivel nesses casos, transferindo de uns para outros corpos os officiaes precisos para o completo da força expedicionaria, que assim segue com os effectivos normaes, porém, sem a cohesão necessaria, desconhecendo os officiaes o grão de instrucção de seus subordinados, não havendo, portanto, unidade de doutrina tão util e importante, como sabemos, para o perfeito desempenho da missão. Entretanto, officiaes e praças assim organizados, procuram por todos os meios cumplir fielmente o dever militar, porque acima de tudo está o *brio*, virtude essencial do verdadeiro soldado, que compensa em parte, as condições pouco lisongeiras para o exito da empreza que lhes está affecta.

Preparada desse modo a expedição, ella parte a destino entrando em accão. Após enormes difficultades e contratempos que causam verdadeiro martyrio, ella chega a seu termino. Victoriosa ou vencida, cumpriu o seu dever.

O quadro que se nos antolha, entretanto, é desolador. Não foi só a metralha inimiga que ceifou vidas preciosas ou aleijou entes queridos. Além desses, temos tambem que lamentar as perdas occasioandas pelas enfermidades contrahidas durante as marchas e estacionamentos, ge-

ralmente feitos por invios sertões e campos aridos, onde tudo é desolação, sujeitos ainda á inclemencia do tempo, tudo em fim, concorrendo para augmentar o morticinio e a invalidez por alguns annos ou para sempre, de muitos paes de familia, irmãos ou filhos extremosos.

Eis o quadro a que estão sempre expostos os officiaes em serviço activo profissional, quando nessa situação. Pois bem, em virtude das perdas havidas, abre-se diversas vagas. Essas vagas, entretanto, não vão tocar como de justiça, unicamente aos officiaes expedicionarios ou aos que estão em serviço activo, promptos a substituir os, porque infelizmente não ocupam os numeros *um* ou *dois* do quadro de seus postos; essas vagas pertencem, as mais das vezes e até por merecimento, a officiaes que estão fóra do serviço, em função, emprego ou commissão estranha á profissão militar e que talvez chegassem aquella collocação no quadro, já tambem pelo infortunio de outros seus camaradas, mortos ou invalidados em accidentes de serviços nos corpos de tropa ou em funções tecnicas militares.

De modo que o serviço de segurança da Nação, soffre os embates occasionados com o afastamento de elementos constitutivos de sua organisação miltitar; a soberania e independencia patria periclitam pela pouca ou nenhuma efficiencia da força destinada a guardal-as; entretanto, esses elementos que assim põem em jogo os destinos de uma nacionalidade, são ainda recompensados em igualdade de condições, como os demais que se acham em actividade profissional, promptos a todo momento, para tudo sacrificarem em cumprimento do dever.

Não pôde haver maior iniquidade e injustiça mesmo do que essa que acabamos de expor e a que estão sujeitos os officiaes da activa, em relação aos que della se affastam para exercerem funcções não militares.

Isto, entretanto, acontece porque a regulamentação da lei de promoções em vigor, manda contar para todos os effeitos, o tempo passado em situações diversas em que se encontrar o official do Exercito.

Ora, em relação a essa contagem de tempo, pensamos, que ella devia ter logar sómente quando o official exercesse uma função publica tal, que se relacionasse com os serviços geraes da Nação, não

attingisse os de carácter particular e de interesse unico para o individuo.

Esse tempo, porém, seria apurado, *unicamente* para a reforma do official, como uma compensação ao esforço empregado no exercicio de uma função publica. Sínessa função, lhe for permittido o accesso do cargo, desde que não fira direitos de terceiros, que o tenha por lá. Agora, subir na escala hierarchica militar, sem prestação de serviço profissional, sem responsabilidade alguma, só porque attingio o numero *um* do quadro de seu posto, é matar o estímulo da collectividade, é contribuir para que outros procurem essa situação abandonando as fileiras, é prejudicar a efficiencia militar, é emfim sobre-carregar os encargos da Nação com as reformas que futuramente se darão em postos altos da hierarchia, sem a compensação do serviço prestado no meio militar.

Parece-nos entretanto, que não é isso o que determina a nossa Constituição Federal. Eis porque anteriormente dissemos, haver completa desharmonia entre ella e a nossa lei de accesso.

A reforma dessa lei é, portanto, inadiavel e urge que se faça, pondo-a de acordo com o texto Constitucional.

Partindo deste ponto de vista, a nova lei de promoções, deverá ser encarada pela necessidade contida no artigo 14 de nossa Carta, que considera «as forças de terra e mar instituições nacionaes permanentes, destinadas á defesa da patria no exterior e manutenção das leis no interior».

Lembraremos entretanto que essa permanencia só poderá ser mantida, desde que todos os orgãos constitutivos daquellas instituições estejam sempre promptos a agir, nada prive ou prejudique o seu *désideratum*. A condição de permanencia no meio militar, deve constituir portanto, a norma de acção principal para serem por ella apurados os serviços prestados.

Em seguida, deve ser attendido o preceitudo nos artigos 72 § 2º e 75 e por ultimo a disposição consignada no numero 3 do § 1º do artigo 23, de modo que a nova lei, seja de facto, justa, equitativa, de vantagens para a estabilidade da segurança da Nação e ampare realmente os que dispensem as suas energias directamente para isso.

Pelo § 2º do artigo 72, as exigencias da prestação de serviços devem ser iguaes

para todos; nenhum official poderá ser dispensado. Esses serviços, porém, precisam ficar claramente especificados na lei, mediante certas condições, que comprovem o grão de *capacidade especial* para o perfeito desempenho da nova categoria a exercer segundo preceitura o artigo 73.

Quanto ás «promoções legaes», de que trata o nº 3 do § 1º do artigo 23, dispensadas aos militares com assento no Congresso e *unicos*, a quem a Constituição permite accesso fóra da profissão, devem elles, ficar restrictas ás mesmas condições estabelecidas para os demais, quanto aos serviços, de modo a ser respeitado o princípio de igualdade, e satisfeita essa exceção. Repetiremos portanto, o que já dissemos anteriormente. O official eleito membro do Congresso, só poderá ser promovido si possuir os requisitos *legaes* para o accesso; não os possuindo, essa promoção não tem razão de ser, por contrariar a propria exceção do artigo 23 que requer a condição *legal* e que só terá esse carácter si não se afastar do estatuido no § 2º do artigo 72 e do 73, tudo da nossa Constituição Federal. Demais, ainda lembraremos mais uma vez que esse artigo 23, é quasi interpretativo, ou por outro, define em parte, a condição de independencia de que nos fala o artigo 15 da mesma Constituição.

Ora, desde que não haja um limite ou condição para as promoções de membros do legislativo, elles, segundo o grão de *sympathia* ou *antipathia* do Poder Executivo para com aquelles membros, ficarão sempre sujeitas a oscillações bem prejudiciaes.

Ha, portanto, necessidade em ser regulamentada essa parte, sendo a sua solução, a que acima expuzemos.

Eis ahi, especificados, os preceitos Constitucionaes a serem observados na elaboração da nova lei de promoções para o Exercito.

Si desejamos de facto melhorar a situação militar de nossas forças de terra, devemos não esquecer a parte relativa á organização dos quadros de officiaes, colocando á testa das diversas unidades pessoal idoneo e que faça de sua profissão o seu verdadeiro magisterio.

Si nobre é toda e qualquer missão ou função estranha á profissão militar, desde que contribua para o engrandecimento do Brazil, nobre tambem é, e de

grande alcance social, a que se dedica á manutenção da sua soberania, independencia e integridade, pois sem estas nada valerá aquele esforço, que desapparecerá pelo aniquilamento da Unidade Nacional.

Hermenegildo Augusto de Seixas

Capitão de Artilharia.

O CAVALLO DE GUERRA

D'uma Conferencia do T^{te} C^{el} Assis Brazil

Depois do successo esplendido alcançado em Santa Maria no 3º Congresso de Criadores deste Estado pelas ideias de que fui portador, por solicitação da mui patriótica «União dos Criadores», representada na sua esclarecida directoria, sobre a possibilidade da regeneração da nossa antiga, boa, pura e rustica raça cavallar creoula pelo cavallo puro sangue arabe oriental; depois das deliberações ultimamente tomadas pelo honrado Presidente do Estado de acordo com a sabia orientação da «União dos Criadores», no sentido de regenerar-se a nossa raça cavallar creoula, produzindo não só o cavallo para todos os usos praticos, mas ainda o cavallo de guerra, factos que muito bem conhecéis, porque o que diz respeito a elles já foi publicado nos jornaes diarios desta capital; depois da prova pratica que têm dado os criadores—de estar de acordo com as conclusões da minha these defendida em Santa Maria, não só repellindo idéias outras que a tal respeito aqui têm procurado se intrometter, algumas vezes apadrinhadas infelizmente por nomes caros para todos nós, como ainda procurando introduzir já no nosso querido torrão um grande numero de reproductores cavallares de ambos os sexos dessa unica raça capaz de regenerar a nossa; parece que nada mais me restaria a fazer, sinão estar apparelhado para dar cabal desempenho á alta e honrosa missão que o digno Presidente do Estado está prompto a commetter-me.

Eu tenho, entretanto, ainda alguma cousa a dizer-vos.

Tenho pontos a elucidar, principalmente depois que, como pessoa muito autorizada, notadamente pelo facto de ser estrangeiro, aqui se fez ouvir o Sr. Plantade.

Tenho ainda opiniões a emitir sobre a transformação porque vae inevitavelmente passar a pecuaria rio-grandense; cousas todas para as quaes chamo muito particularmente a attenção do governo e dos criadores deste Estado.

Na minha dissertação, que já conheceis, feita perante o 3º Congresso dos Criadores em Santa Maria, falou a minha palavra proferida ha 16 annos e repetida pelas trombetas do *Jornal do Comercio*, do Rio de Janeiro, de cujas columnas a fui buscar ha pouco, destacando para a sua constituição apenas esses tres artigos (que mais não contem), da serie de vinte e seis que então alli estampei.

O meu intuito, que penso ter alcançado, foi demonstrar aos que me lerem, que o que eminentes criadores, zootechnistas e officiaes argentinos estão a dizer hoje em uma especie de polyanthaea que se intitula — «Contribucion al mejoramiento del caballo para usos practicos», e por outros meios, eu já havia dito desde 1894, anno em que tive a honra e a felicidade de ver approvadas pelo inolvidavel Marechal Floriano Peixoto, então presidente da Republica, em memorial que lhe apresentei, as mesmas idéas que em fins de 1898 largamente defendi pelo *Jornal do Comercio* tendo em 1896 feito já muita cousa no mesmo sentido pelas columnas d'*O Paiz*.

Nessa polyanthaea, em que escrevem homens como Carlos Guerrero, Ricardo Hogg, Diego Brodriz, General Napoleon Uriburu, General Benjamin Victorica, Otero Rosado, dr. Jorge Kreyenbith, R. Bahicke, Thomas R. Garcia, Coronel Carlos M. Fernandez e Paul Fournier, o pensamento geral se resume nesta magnifica synthese, haurida a alguns periodos do preambulo:

«Las opiniones emitidas por jefes, oficiales y zootécnicos ingleses, sobre los caballos argentinos que actuaron en la guerra anglo-boer, poco satisfactorias, y las netamente adversas emitidas despues, tanto en Italia como en Francia, ponen en evidencia que nuestros caballos mestizos no tienen aplicación en aquellos países, ni la tendrán mientras nuestros criadores de equinos sigan las sendas equivocadas, que han tomado en su mayor parte.

«Ocurre con estos criadores algo muy distinto de lo que pasa con los de bovinos e ovinos. En estos se observa una orientación, mientras que en aquellos sólo se nota la confusión y el desorden, que han dado por resultado una producción de caballos poco menos que inservible, que ahora todos lamentamos.

«Entre la inmensa mayoría de los criadores de bovinos se observa que se han especializado cada uno, en la raza de su preferencia. Así los criadores de Durham se dedican exclusivamente a esta variedad, y con los de Polled-Angus y Hereford sucede otro tanto, con esta particularidad; que aquellos que se dedican al cultivo de qualquiera de estas razas, la consideran superior a las otras, discuten apasionadamente esa superioridad e repelen hasta la menor insinuación de cruzar sus animales con los de otra raza.

«Algo semejante ocurre con los criadores de ovinos, que en su principio todos lo fueran de merinos Rambouillet, hasta que cambios en la industria manufacturera de tejidos de lanas, y demanda exterior de carne, hicieron que la inmensa mayoría de esos criadores modificaran sus rebaños, cruzandolos con carneros Lincoln, para satisfacer las nuevas exigencias industriales y sus conveniencias pecuniarias.

«En el cultivo de ambas especies hay, como antes se ha dicho, una orientación, un trabajo metódico y ordenado que conduce a un fin, que unos han previsto y otros han seguido por espíritu de imitación, marchando todos por un camino y rumbo común.

«Con la especie equina ha sucedido todo lo contrario: sus criadores han procedido a ciegas, sin ideas zootécnicas al respecto, ni conocimiento alguno de las razas y de sus mestizos que eligen para cruzar con nuestra raza criolla.

«Debido a esta falta de criterio, hemos visto desfilar por nuestro país ejemplares de reprodu-

ctores de cuantas razas caballares cultivadas existen en el mundo y de sus mestizos, hechos traer por nuestros ganaderos, para ir desechandolos á medida que iban conociendose sus productos negativos, reemplazando á los reproductores desechados por otros que daban los mismos o peores resultados.

«De esta confusion de cruzamientos y mestizamientos en la cría caballar resulta: que actualmente no tengamos un tipo definido de caballo, salvo algunos derivados de cruzamientos bien dirigidos, de otros, criollos, que han salvado del naufragio de esta raza irreemplazable, y algunos de otras razas que se han conservado púras, como la inglesa de carrera, favorecida por los hipódromos y los precios exorbitantes que por sus productos pagan los aficionados al juego de las carreras.

«Fuera de estos, en general, sólo se ve caballos deformes, unos con el cuerpo voluminoso de un percheron parado sobre las patas de un caballo de carrera, y otros á la inversa; por comparacion podríamos decir que—unos hacen el efecto de automóviles con ruedas de bicicletas, y otros de bicicletas com ruedas de automóveis.»

Ademais deste preambulo, eu pudéra referirvos as palavras e citar-vos os factos verdadeiramente eloquentes e incontestaveis com que cada qual daquelles escriptores defende entusiasticamente as altas qualidades do cavalo crioulo, que, servindo para arrastar nma zorra encimada de uma pipa d'agua, serve tambem para vencer na resistencia, como, de facto, já venceu de Vienna a Berlin, a todas as raças *não pelludas* que na Europa se tem cuidadosamente criado com o sentido na guerra.

Não me estendo, porém, nestas citações assás interessantes, porque brevemente, segundo estou informado, vos vae dar scienza de todos esses trabalhos pela imprensa desta Capital, um dos espíritos mais esclarecidos, um dos esteios mais forçosos em que se apoia a pecuaria rio-grandense, o sr. Delfino M. Riet, vice-presidente da «União dos Criadores».

Vou, entretanto, narrar-vos alguns factos, não menos interessantes, do meu conhecimento e do meu tempo.

Por 1878 commandou o 1º regimento d'artilharia a cavalo o então coronel Manoel de Almeida Gama Lobo d'Eça, mais tarde barão de Batovy. Militar mais politico do que soldado, o coronel Gama, durante os dois annos do seu commando, só foi duas vezes ao seu Regimento! E, como casa que não tem gato tem muito rato, o glorioso 1º regimento de artilharia que no Paraguay fazia *fogo de horror* sob o commando do tenente-coronel Emilio Mallet, transformou-se numa quadrilha de bandidos, que mais tarde muito trabalho deram ao energico coronel Felinto para os transformar de novo em soldadesca disciplinada e submissa.

Nesse tempo, um soldado daquelle regimento ensilhou um reúno que pegou no pateo do quartel e, depois de haver respondido á revista das seis da manhã, montou a cavalo e seguiu para a villa do Rosario.

Recebendo o coronel um telegramma do Rosario em que se lhe comunicava que o soldado Geronymo, do seu regimento, alli espaldeirára a um seu inimigo, atirando-se a nado no Santa Maria, perseguido pela polícia, mandou saber no

quartel si Geronymo alli se achava ou não; ao que respondeu o official d'estado-maior, dizendo que Geronymo respondera á revista das seis da manhã, tendo faltado á do meio-dia. A' revista das seis da tarde, porém, Geronymo estando na fileira, o oficial perguntou-lhe onde estivera que faltara á revista do meio-dia; ao que o soldado respondeu, dizendo que, sentindo-se encomodado depois do almoço, se recolhera ao seu rancho na aldeia do seu regimento, onde pegára no sonmo, faltando á revista.

Este facto, que eu contei ha pouco, de uma das janellas do Hotel Lyon, em Santa Maria, a diversas pessoas, afim de mostrar o que foi o cavalo crioulo ha quarenta annos, isto é, antes que aqui houvesse penetrado a praga do cavalo inglez, que alguns possuidores dessa mercadoria nos querem impingir como o regenerador irrecusável do nosso crioulo, foi confirmado por um ex-soldado daquelle tempo que, ouvindo o meu caso com interesse, publicamente disse ser verdade tudo quanto eu referira.

Ora, todos vós sabeis que de S. Gabriel ao Rosario ha dez leguas de distancia; portanto esse reúno, nutrido só a capim da Invernada do Regimento, fez, depois das seis da manhã até antes das seis da tarde, vinte leguas e duas vezes nadou de barranca a barranca o Santa Maria, que ainda hoje não tem ponte naquelle lugar, tendo, entretanto, cerca de duas quadras de largura.

E' assombroso, senhores, o que fez esse reúno, talvez pegado aguachado.

Mas, vós sabeis o que era o reúno, o cavalo de guerra no tempo da monarchia?

Era o refugo das estancias. O cavalo velho, o lumanco, o ovado, o gavião, o caborteiro, o quebrado das cruzes, o cuerudo, o empacador, o desboccado, o vicioso de qualquer balda, o aporiado, tudo, enfim, quanto havia de refugo nas estancias era vendido ás commissões militares para reúnos; e estas compravam o que se lhes apresentava, porque «não pagava mesmo a pena» entregar outra coisa a soldados! Pois foi um de taes cavalos, meus senhores, que fez aquelle prodigo de resistencia, que contado hoje, até parece mentira.

Agora mesmo, senhores, apezar da sua inferioridade comparado com o cavalo de quarenta annos atraz, o nosso cavalo creoulo é preferido pelos bons cavalleiros aos mesticos ingleses, que na opinião da grande maioria dos criadores do nosso Estado, tem sido o maior factor da sua rapida degeneração. Só maturrangos, só homens incapazes de exigir do cavalo crioulo aquillo que elle lhes pode dar, podem ter opiniões contrarias ás que venho fundamentando, que são incontestaveis.

O cavalo creoulo nos outros Estados do Brazil não é peior do que o nosso. Podemos mesmo dizer que em muitos delles, talvez pela menor quantidade, o cavalo é melhor do que o nosso.

O cavalo de Pernambuco, por exemplo, é melhor do que o nosso; e o *mattuto* pernambucano, no que diz respeito á criação e educação do cavalo, é mais adeantado do que o *gaiúcho* rio-grandense.

Além disso, o sertanejo pernambucano ama o cavalo mais do que o nosso gaúcho.

Nós podemos dizer que o gaúcho não trata bem, nem mesmo ao cavalo chamado de *estima-*

ção; ao passo que o mattuto pernambucano, só pelo amor ao cavallo, torna-se ladrão delle. O desejo de cavalgar um bom animal é tão intenso no sertanejo pernambucano que elle, á vista de um cavallo bom, esquece todos os juramentos que tenha feito de «nunca ser ladrão de cavallos», e lá vae a pé, escondido pelo matto, ás vezes vinte leguas distante da sua casa, para tirar da sóga aquele formoso animal, no momento em que o seu proprietário está no melhor do sonno.

O nortista só castra o seu cavallo quando elle é *chotão*, isto é, cavallo de trote, no qual caso elle toma o nome de *quartão*, que talvez corresponda ao nosso *matungo*; e é destinado á cangalha.

Na parte do Brasil que nós chamamos Norte, isto é, de Santa Catharina até o Pará, sem exceptuar Minas, Matto-Grosso e Goyaz, todo o homem que se preza só monta em cavallo marchador.

Em Pernambuco, Sergipe, Rio Grande do Norte, etc., o cavallo de marcha tem o nome de *cavallo fino*. E, de facto, assim é, porque esse cavallo, que é muito bem tratado, pôde fazer, e communmente faz, vinte, vinte e cinco e mesmo trintas leguas de sol a sol, em terrenos bem accidentados.

O cavallo fino geralmente vae do alto ao baixo. Diz-se então que tem habilidade.

O passo de marcha é o andar habitual desse cavallo, que pode desenvolver, sem sahir da marcha tres velocidades que se chamam — *baixa*, *meia* e *alta*. Entre essas tres velocidades ainda ha gradações; de sorte que, empregando-as a propósito, segundo os terrenos a percorrer, o nortista, que é senhor do cavallo, pôde fazer nelle folgadamente jornadas de vinte leguas.

Mas, si o *cavallo fino* é assim bom, o *quartão* não o é menos.

Mettido, quasi escondido, debaixo de dois farrobas, o quartão caminha 8 a 10 leguas por dia, levando muitas vezes a sobrecarga do almorões. Esta mesma enorme carga é muitas vezes aumentada com a de outro tropeiro, que com o primeiro vae jogando o 9, cada qual assentado no seu fardo de algodão.

Mas, senhores, 8 arrobas é a carga dos dos nossos muares. Não é, portanto, assombroso que o *chotão* do Norte, o cavallo desprezível para o cavalleiro, possa viajar com o dobro daquella carga?

E estes dois typos de cavallos são perfeitamente crioulos como o nosso; têm, como elle, a mesma origem ancestral.

Por toda a parte onde se encontra o cavallo crioulo, elle é muitíssimo apreciado, como resistente e sobrio, calmo e soffredor, rustico e corajoso, capaz de supportar todos os máos tratos, sempre são de pés e mãos, raramente accessivel a pestes e achaques, prestimoso até a idade de 25 a 30 annos, em que desaparece vencido pela fatalidade terrestre, deixando impressa na memoria dos que se utilizaram dos seus prestimos o agri-doce sentimento da saudade.

Mas não é só entre os homens de intelligencia cultivada que o nosso cavallo crioulo é apreciado: na opinião valiosa do homem rustico, quer se trate do camponez, quer do homem da cidade, cuja vida se passa em contacto com o

cavallo que, não raras vezs, é o escravo que lhe ganha o pão de cada dia, o cavallo creoulo vale mais do que qualquer outro cavallo, por grande, tormoso e fino de raça, que seja.

Tendo vivido muitos annos no Rio de Janeiro, onde sempre me prestei a educar cavallos, de graça, fosse para quem fosse, travei relações com todas as camadas sociaes, desde a mais alta aristocracia, até a infima classe de tilbureiros e carroeiros. Estes, principalmente, a una voz, me disseram sempre — «preferimos o cavallo creoulo, porque sendo mais barato, é melhor do que os mestiços de outras raças, sob todos os pontos de vista: resiste ao tempo, emenda, a trabalhar, os dias com as noites; qualquer cocheira lhe serve; qualquer forragem, mesmo ordinaria, o sustenta; não é baldoso; não adoece; não cansa nunca. É um cavallo pequeno; não tem estampa; mas é um cavallo de ferro.»

Mais ou menos isto disse-me ha pouco, em Santa Maria, o Sr. João Chagas, intelligente fazendeiro do municipio de S. Gabriel.

«Crio na minha estancia, disse-me elle, mestiços de inglez de carreira e mestiços de arabe. Os meus peões não gostam de trabalhar nos inglezes porque, dizem elles, são asperos e não aguentam duas horas de aparte num rodeio. Preferem os creoulos, por serem mais calmos e mais resistentes. Mas, acima dos creoulos elles consideram os arabes, pela docilidade, suavidade de movimentos e maior resistencia. Impressionado com taes opiniões, um dia lhes dei ordem de me arrebentarem esses cavallos. Depois de muito trabalharem, apresentaram-se-me os peões dizendo «que estavam arrebentados, não tendo, entretanto, conseguido arrebentar aquelles cavallos que não se entregam.»

Em S. Paulo, onde fiz relações com o zootechnista belga dr. Luiz Missin, hoje brasileiro naturalizado, contratado pelo governo daquelle adeantado Estado para dirigir todos os serviços que dizem respeito á pecuaria e seu forrageamento, discreteando sobre as origens e alto valor da nossa raça cavallo creoula, disse-me elle que em França, onde fôra comprar reproductores arabes alli produzidos, zootechnistas notaveis não foram capazes de separar de entre photographias de eguas de puro-sangue arabe os cartões que elle introduzira com photographias das nossas eguas creoulas escolhidas; tão grande é a semelhança de fórmas, que ainda subsiste, entre elles e as suas progenitoras ancestrais.

Por sua vez, officiaes da missão francesa que instrue a polícia de S. Paulo, vindo aqui comprar cavallos para a cavallaria daquelle polícia, a mais de uma pessoa declararam — que, si a França possuisse no seu territorio a nossa raça creoula, incontestavelmente teria o primeiro cavallo de guerra do mundo.

Deixemos, porém, esta ordem de exemplos, mais do que sufficiente para demonstrarem que nós temos a fortuna de possuir uma preciosissima raça de cavallos, e abordemos a conferencia do sr. Plantade.

Este distincto ex-official do Exercito frances, segundo elle mesmo nol-o diz, em sua interessante dissertação sobre o cavallo de guerra, realisada ha pouco tempo no salão do theatro «Avenida» desta capital, sob os auspicios da patriótica directoria da «União dos Criadores» e com a assistencia das pessoas que compõem o

governo do Estado, muito concorreu para o exito da causa que advogamos, pela solemnidade de que se revestiu a conferencia, onde se ia ouvir a palavra autorizada de um grande zootechnista estrangeiro. O sr Plantade, porém, começa dizendo que é engenheiro, homem dos calculos, dos numeros; e em seguida principia a cahir em contradicções e a emitir conceitos com que não estamos inteiramente de acordo.

Primeiramente a these desenvolvida pelo orador, com o intuito claramente manifesto de acreditar junto a nós a mercadoria que elle produz, ou de que é propagandista, o puro-sangue produzido na França, pôde ser considerado como composta de quatro partes: o cavalo de guerra no ponto de vista abstracto, isto é, o cavalo de guerra considerado como arma; o cavalo de guerra na França; o puro sangue existente no Planeta e especialmente em França; e, finalmente, o cavalo de guerra no Rio Grande do Sul.

Tratando do cavalo de guerra no ponto de vista geral, e, por assim dizer abstracto, o sr. Plantade é de uma felicidade inaudita e de uma precisão de conceitos, que faz honra a quem os proferiu. Elle prova com felicidade de logica que o cavalo de guerra é uma *arma de guerra*, e nos explica em seguida como em França até a gente mais ignorante sabe produzir essa arma, exactamente como os exercitos modernos a requerem.

A este respeito o sr. Plantade veio realmente prestar um auxilio á causa que advogamos.

Ha cerca de vinte annos que eu digo que o cavalo no Brasil deve ser considerado—*arma de guerra* — e, portanto, ficar sujeito a legislacão especial. Mas até hoje as minhas palavras não têm sido ouvidas, não tanto por não ser eu estrangeiro, mas principalmente porque as idéas de liberdade, como já em mais de um lugar eu tenho dito, ainda não foram convenientemente interpretadas pelos nossos legisladores.

Na minha modesta opiniao, *liberdade* não quer dizer—*licença*. Mas si licença é a liberdade sem limites, a verdadeira liberdade é a licença delimitada.

Assim como não ha liberdade para deixar de registrar nascimentos e obitos, para deixar os corpos insepoltos ou ser enterrados em qualquer parte, para deixar de pagar impostos, para se apossar do alheio, para deixar de servir á Patria, porque taes liberdades e outras que ainda não estão consagradas viriam perturbar enormemente o governo da sociedade; assim tambem não deve haver liberdade de introduzir no paiz *quaesquer raças de garanhões exóticos* com o fim de modificar a nossa raça creoula, porque semelhante modificação viria perturbar irremediavelmente a formação do cavalo de guerra, ou do cavalo para todos os usos praticos, de que depende principalmente a nossa independencia.

Um grande passo para o exito de tão grande aspiração já foi dado pelo 3º Congresso, ha pouco reunido em Santa Maria, estabelecendo em doutrina — que a nossa raça creoula só poderá ser modificada pelo cruzamento com o cavalo puro sangue arabe oriental. Semelhante doutrina, nascida da união de serios estudos hipiatricos com sãos sentimentos patrióticos, é hoje a maior aspiração dos criadores rio-grandenses e, posso dizer tambem, do governo do Rio Grande; visto como á frente deste movimento regenerador e incomparavelmente altruístico está bem destacada a pessoa do dr. Borges de Medeiros, actual presidente dos seus destinos.

Que falta, pois, para que nada venha perturbar este salutar e necessário movimento reconstituinte do nosso cavalo? Sómente a promulgação da Lei, que, aliás, já tem a sancção popular... Falta unicamente o decreto do governo. E' preciso portanto que fale o presidente do Rio Grande, pois o Rio Grande já falou. Depois é preciso que, seguindo o exemplo do Rio Grande, fale, como ha de o fazer, o Presidente da Republica, o maior responsável pela independencia da Patria e pelo seu progresso não pode deixar de acompanhar este nobre gesto do Rio Grande.

Nem presuma alguem que eu, republicano e entusiasta de todas as liberdades, como sou, fosse capaz de querer para o meu Paiz uma coarctação, qualquer na sua liberdade de criar.

Como já disse, a liberdade tem limites, e só existe verdadeiramente, quando é limitada. Limitar a liberdade, traçar a cada actividade o seu preciso circulo de ação, é o que fazem os legisladores em toda a parte.

Eu seria incapaz de propôr a limitação da liberdade de criar, quanto á especie bovina, á ovina, á suína, etc.; porque qualquer carne se come, seja ella tirada de exemplares de 1.000 kilos de peso das raças Hereford, Durham, Devon, etc., ou seja dos mais rachíticos representantes do nosso gatinho creoulo; porque, para a alimentação das tropas que hão de repellir os insultos á nossa Patria, pouco importa o tamanho do boi que lhe dará forças para combater; o que não acontece com o cavalo, que, podendo a cada momento se transformar em arma de guerra, precisa ter a altura, o corpo, a coragem, as qualidades, em summa, que nós queremos dar á nossa raça creoula, pelo cruzamento com essa incomparável raça arabe oriental.

Nem pense o honrado sr. dr. Presidente do Estado que, legislando o Rio Grande, pela maneira aqui proposta, sobre a especie cavallar dentro do seu territorio, faça coisa sem exemplo no mundo. Não. A livre Inglaterra, no sentido de manter inalteravel a pureza do seu gado jersey, na ilha que lhe dá o nome, já fez legislacão identica á que aconselho, com mais fortes razões, relativamente ao cavallo.

A pagina 358 do livro — *Le boeuf* — Morl et Gayot diz:

«Pour sauvegarder la pureté de la race insulaire, le législateur de 1789, a pris des mesures prohibitives encore en vigueur, qui défendent l'importation de tout animal réproducteur, toureau, genisse ou veau. Des amendes et des confiscations sont édictées contre les contrevénants; les animaux sont abattus au profit des pauvres.»

O exemplo é tão animador, quão urgente a medida que acabo de propor.

Agora, srs. criadores, eu vos vou ler as palavras com que o mesmo sr. Plantade encerrou, ha dias, a conferencia que fez entre nós. Para elles chamo toda a vossa atenção.

«Vós tendes aqui nos vossos campos uma raça nacional, excelente sob muitos pontos de vista, notável como rusticidade, resistencia, dum muito grande qualidade, conservando os traços muito accentuados do sangue arabe que dominou na sua formação.

«Com estes cavallos nacionaes vós tendes um paiz de criação perfeito, oferecendo as maiores vantagens.

«Como clima, como situação geographica e



politicá, vós estaes tão bem collocados, quanto possível, para crear bons cavallos.

O cavallo de guerra nacional brasileiro sahirá dos vossos campos, quando vós o quizerdes, e se espalhará por todo o Brazil. E porque o vosso futuro cavallo de guerra não irá mais longe?

«Os mercados mundiaes em cavallos de guerra são cada vez mais interessantes, e estão abertos a todos os bons cavallos.»

Na resolução deste problema, senhores, nós não devemos enxergar sómente a questão industrial: devemos principalmente ter em vista a defesa e a independencia da nossa cara Patria.

14 de Julho de 1914.

Tenente Coronel Assis Brazil.

De *A Estancia* orgão dos Criadores do Rio Grande do Sul, publicado em Porto Alegre, extrahimos de seu numero de Junho a. c., o seguinte:

Exmo. Sr. Presidente do 3º Congresso da «União dos Criadores do Rio Grande do Sul».

Conclusões da Vli these relativa á defesa e reerguimento da raça cavallar creoula, apresentadas pelo abaixo assignado.

1ª — A raça cavallar creoula é susceptivel de regeneração, porque é uma raça pura, bôa e antiga.

2ª — Só o cavallo de puro sangue arabe será capaz de operar essa transformação necessaria e urgente.

3ª — O cavallo de guerra de que tanto carecemos, e que é ao mesmo tempo o cavallo mais proprio para todos os usos praticos, pode e deve surgir do cruzamento das nossas egus creoulas escolhidas com o puro sangue arabe oriental

Porto Alegre, 26 de Maio de 1914. —Tenente Coronel José de Assis Brazil.

PARECER SOBRE A THESE VII

Porto Alegre, 25 de Maio de 1914.

A Comissão abaixo assignada nomeada pela directoria da «União dos Criadores» para dar parecer sobre a these «Defeza e reerguimento da raça cavallar creoula», apresentada pelo ilustre sr. tenente coronel dr. José de Assis Brazil, é de parecer que o trabalho apresentado pelo distinto oficial é digno de ser tomado em consideração, estando a comissão solidaria com a bella exposição apresentada sobre tão importante assumpto. — João Baptista Chagas. — Coronel Eurico de Andrade Neves. — Paulino Sá Dornelles.

As divisões do Exercito e sua artilharia

E' hoje idéa vencedora em nosso meio militar que a organisação de nosso exercito deve ser a divisionaria, isto é, que as unidades de guerra devem estar permanentemente grupadas em divisões de exercito.

Uma vez aceito esse ponto de partida, facil é decidir das sub-divisões.

Assim como em caso de mobilisação impôr-se-á por vezes a reunião de duas ou mais divisões em uma unidade estrategica maior e outras vezes a formação de destacamentos mixtos constituidos por elementos de todas as armas de uma divisão, é preciso tambem estabelecer com toda a clareza que **não deve haver unidades mixtas permanentes abaixo da divisão**. Em outras palavras, a divisão de exercito não deve ser uma somma de brigadas mixtas, mas sim uma resultante de unidades homogeneas de cada arma.

Pretender o contrario, seria incidir nos inconvenientes da brigada estrategica. A infantaria da divisão sendo formada em duas brigadas de dois regimentos, cada um com tres **batalhões de quatro companhias**, as outras armas devem ser grupadas em unidades independentes dessas brigadas.

A proporção consagrada para a artilharia de campanha é a de um grupo de baterias para cada regimento de infantaria, sendo um dos grupos da divisão constituído de obuzeiros.

Attendendo pois ás nossas condições particulares, parece-nos que a solução mais acceitável seria formar em cada divisão uma *brigada de artilharia*, constituída pelo regimento de tres grupos de canhões, um grupo de duas baterias de obuzeiros, e o grupo de montanha, onde houver.

Se ainda se pudesse obter para cada divisão de exercito um grupo de duas baterias pesadas...

Para tornar mais *leves* os grupos de montanha conviria constituir os só de duas baterias, e formar com as terceiras dos grupos 19º e 20º um 21º grupo de montanha, deslocado, por exemplo para Ponta Grossa. Assim como a divisão do Rio de Janeiro tem o seu 22º Grupo de Ob., (?) nada mais facil que associar as baterias de ob. 3º e 4º na Divisão do Rio Grande formando o 23º G. de Ob.

Quanto aos exercícios combinados, da mesma forma que a experiecia dos seis annos de brigada estrategica tem assás demonstrado que a mistura das armas não os promove só por si — a não ser um pallido e muito louvavel ensaio tentado em Deodoro por iniciativa *debi-ixo* — tambem não se deve receiar que a independencia das armas dentro da divisão seja um obice

á sua associação. Isso não é questão de organização, é de doutrina.

Convençam-se os commandantes de todas as categorias, especialmente os da infantaria e da artilharia, de que só a co-operation das armas pôde levar á victoria, e de que essa cooperação só se obtém como resultado de esforços, como recompensa de energia despendida, e veremos então amplamente cultivado o mutuo entendimento das armas-irmãs, atravez de exercícios combinados entre pequenas e grandes unidades, promovidos *par le bas ou ordenados par le haut.*

Klinger.

ARMA DE ENGENHARIA

II

O muito amor que dedicamos á arma a que pertencemos, e a compenetração em que estamos da importancia de sua missão na guerra moderna, levam-nos a trazer a lume mais algumas considerações.

Aquelles de nossos camaradas que nos deram a honra de pousar sua attenção sobre o nosso artigo anterior, viram que deploramos a deficiencia ou mesmo ausencia de **material** apropriado ao desempenho de nossa função e de **regulamentos** respectivos.

Pois bem, além desta falta capital, necessário se torna extirpar da opinião, quasi geral, alguns conceitos erroneos a respeito da nova arma.

E' assim que, até poucos dias era ella armada á infantaria e não longe o tempo em que nas paradas não se podia fazer distincção entre dous batalhões, um de cada uma d'essas armas.

E' que os trens regimentaes de pontes, telegraphia, sapa, ficavam dormindo somno secular nos parques do quartel e o batalhão marchava e evoluia ligeiro e simples, como se infantaria fosse!

E peor ainda: o erro não era só de apresentação, pois varias vezes ouvimos classificar a engenharia com *infantaria technica*. Além de não comprehendermos perfeitamente o que isto signifique, lamentamos profundamente este modo de pensar, pois indica ignorancia completa de nossa missão, tão diferente é ella da de nossa irmã mais velha.

Acreditamos, entretanto, que se vem firmando a concepção perfeita de seu complexo objectivo e uma prova recente está

na adopção do mosquetão e do rewolver. Outra medida lembramos e nisto nos move a vontade de progredir. Vejamol-a.

O Livro de Quadros, publicado pelo Grande Estado Maior, afecta a cada uma das quatro companhias, componentes de um batalhão, uma das especialidades seguintes: sapadores-mineiros, sapadores-ferro-viarios, pontoneiros e telegraphistas.

Destas quatro companhias, as tres ultimas terão, num futuro não muito remoto, pois acreditamos na remodelação da arma, uma grande impedimenta, devendo nas marchas, como se practica na Artilharia, irem, entremeiados, homens e viaturas. Sendo assim, de sua marcha desaparecerá a cadencia marcial da infantaria, rythmada a tambor, que será substituida pelo rodar monótono das viaturas.

Não seria portanto mais viavel dotar, pelo menos essas tres companhias, de **clarins**, ao envez de corneteiros e tambores, por se adaptar melhor o clarim á marcha dos animaes e ao deslisar do material?

Bem assim, quer nos parecer, dada a profundidade de cada uma destas companhias, ser imprescindivel irem seus **officialaes montados**, pois só desta forma poderão exercer efficazmente commando e fiscalização.

A idéa, que aliás não é nossa, pois assim se procede no exercito portuguez, incontestavelmente muito adiantado, ahi fica. Que ella se concretize em realidade é uma das aspirações da novel arma de engenharia.

III

Ainda não tinhamos a satisfação de pertencermos á arma de engenharia, a mais nova das quatro irmãs, pois neste caracter conta apenas a curta existencia de seis annos e já varias vezes havíamos ouvido feitas a ella, por collegas de classe, referencias menos dignas. Alguns criticavam sua acção nas manobras, dizendo que jamais havia preenchido sua missão, pois frequentemente os seus trabalhos de campanha, taes como lançamento ou construção de pontes improvisadas e estabelecimento de serviço de communicações, construção de trincheiras, etc., não satisfaziam ao desejado.

Estes, que revelavam conhecimento do assumpto, teriam razão si a arma possuisse **material** apropriado e **regulamentos** necessarios, pois tudo quanto se fazia era fructo do estudo de regulamentos estran-



geiros ou de inspiração de momento, lançando-se mão de recursos de occasião.

Outros lamentavam nossa transferencia para a *arma dos faxineiros*, como a appellidavam, pois diziam ter sido sempre empregada nas manobras para cortar pau para barracas, fazer latrinas e outros serviços semelhantes ou, de um modo geral, fazer faxinas para as outras armas.

Apresentavam-nos-a como creada de suas irmãs!

Como que uma reminiscencia d'aquelle habito antigo, encontram-nos no papel reservado ao contingente que seguiu para o Curato de Sta. Cruz, posto á disposição dos commandantes de grupos de artilharia que lá foram em Outubro ultimo fazer exercicio de tiro, para «auxiliar os na construcção e installação dos objectivos que se acham especificados nas instruções» (textual).

Em se tratando de abrir trincheiras o que constitue um trabalho de sapa ou, si porventura fossem electricos os outros alvos, o que exigiria a presença de homens entendidos em electricidade, estaria plenamente justificada a necessidade de tal contingente.

Empregal-o, porém, na simples collocação sobre o terreno de alvos de madeira e consequente reparação dos mesmos após os exercícios, parece-nos uma missão ingloria para uma arma de função tão complexa e importante, qual a nossa.

Parece-nos que estas segundas referencias, aliás verdadeiras, são um producto da desorganisação de nossa arma.

Possuisse ella todo o complicado material de que carece, todos os regulamentos para seus multiplos e variados serviços, fosse, **diffundida** mais largamente a **comprehensão** nítida de sua importancia na guerra, principalmente num paiz desprovido de vias de comunicação em quantidade suficiente, como o nosso, e estamos certos, estes pequenos papeis, que devem ser desempenhados por todas as armas, pois dizem respeito á vida privada de cada uma, não lhe seriam reservados,

Sim, isto affirmamos, porque somos d'aquelles que procuram ler tudo quanto se refere á engenharia militar, nos paizes mais adiantados que o nosso, e nunca encontramos especificado serviço algum, que motivasse para os soldados da engenharia o epitheto de *faxineiros*.

Esses, existem em todas as armas pois são assim chamados os soldados em-

pregados nos trabalhos, podemos dizer, caseiros, isto é, que se relacionam com a vida particular de cada corpo de tropa.

E, é preciso que se note, esses serviços, são de um modo geral, tão em desacordo com a missão do soldado que, ou se os reserva para os presos, ou se os manda fazer por escala, para não deprimir uns em face d'outros.

Creentes, porém, que somos, da lei da evolução, aguardamos confiantes o futuro, convencidos que tempo chegará em que nossa arma, tão bem apparelhada, qual estão suas irmãs, poderá bem desempenhar sua missão.

Arthur J. Pamphiro.

2º Tenente de Eng.

Notas de clinica veterinaria

IV

Idade do cavallo — Processo pratico do seu reconhecimento

O cavallo pode viver até 25 ou 30 annos; algumas raças, porém chegam mesmo a viver até os 40.

Conhece-se a sua idade pelos dentes; exporemos aqui praticamente o quanto devemos saber para chegar a esse fim.

Tem o cavallo 36 a 40 dentes (1) que se dividem em: *incisivos* ou *incisores*, *caninos*, *colmilhos* ou *presas*, (tambem conhecidos pelo nome de *gaviões*) e *molares* ou *queixas*.

Os incisivos em numero de doze (seis em cada maxilla) ocupam a parte anterior de cada maxillar, distinguindo-se entre si pelos nomes de: *dianteiros* ou *pinças*, *médios*, *externos* ou *cantos*. Fig. 1.

A — dianteiros, pinças.

B — médios.

C — externos, cantos.

D — caninos, colmilhos.

Os colmilhos que são apenas dois em cada maxillar, acham-se collocados entre os incisivos externos e os pequenos molares.

Os molares tomam a parte interna dos maxillares, havendo doze em cada maxillar,

(1) Em geral as egus não possuem caninos, por essa razão digo 36 a 40 dentes, sendo o commun 40.

Fig. 1

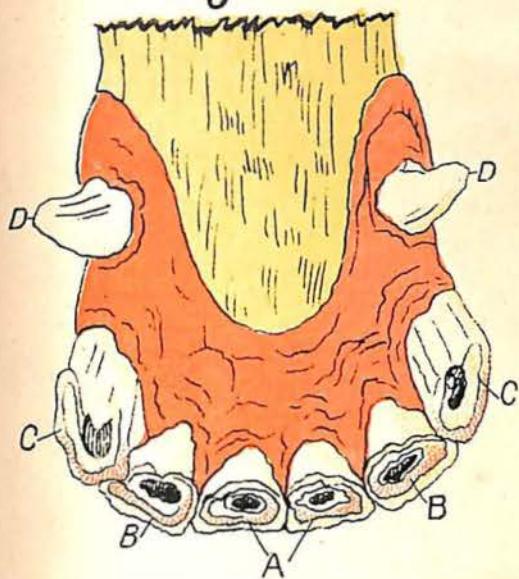


Fig. 2

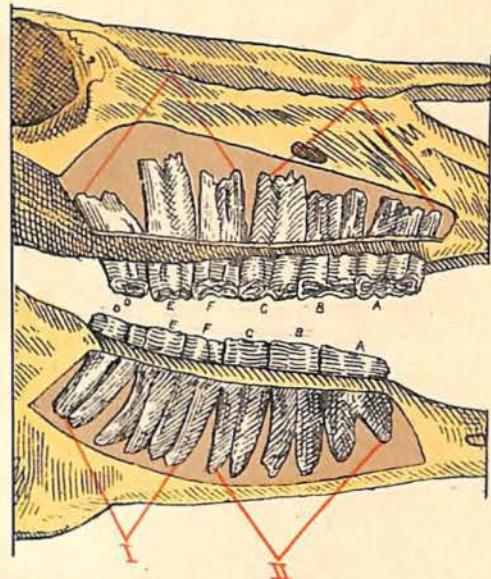


Fig. 3

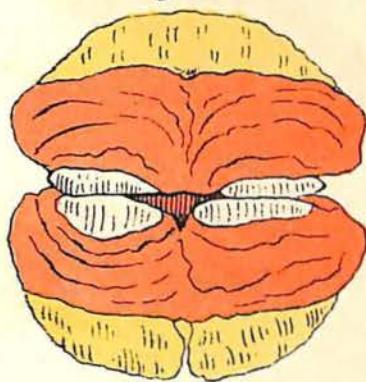


Fig. 4

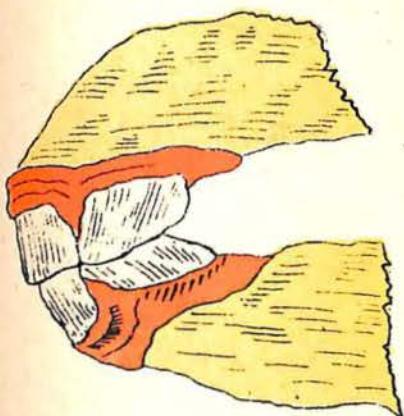
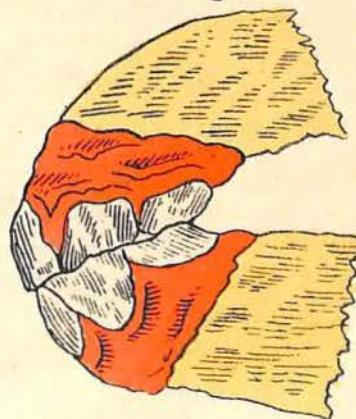
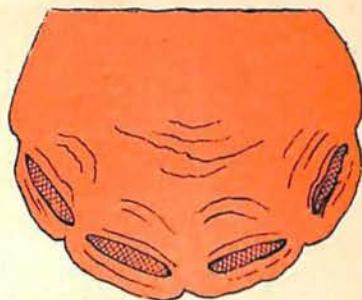


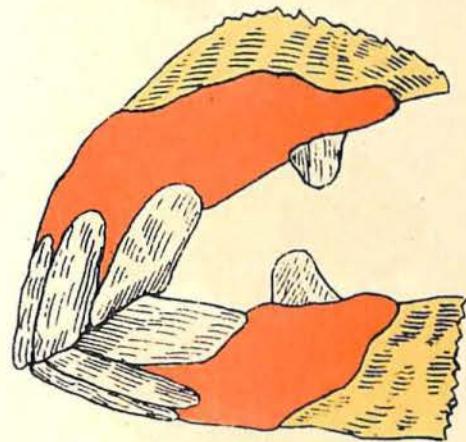
Fig. 5



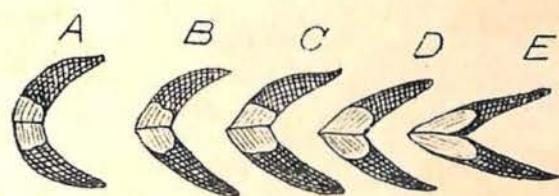
I.nascença



II.perfil - cavallo velho



C



isto é, seis de cada lado que se dividem em pequenos e grossos molares. Fig. 2.

A-B-C — pequenos molares D-E-F — grossos molares, persistentes.

I — Grossos molares — II — Pequenos molares

Os dentes incisivos servem para cortar os alimentos e os molares para triturá-los.

Os caninos não tem função bem distinta. Affirmam alguns zoologistas que os cavalos possuem esses dentes como arma de defesa, outros porém, dizem que são dentes primitivos e que tendem a desaparecer com o correr dos séculos.

Entre as ordens dos dentes incisivos e molares, distinguem-se os *dentes de leite* dos *persistentes*; os primeiros aparecem pouco tempo depois de nascer o animal e caem na idade adulta, dando lugar a segunda dentição ou *dentes permanentes*.

Os segundos são dentes que nascem mais tarde e que ficam definitivamente.

Os dentes que caem são os *incisivos* e os três primeiros *molares*. Figs. 1 e 2. A-B-C.

Os caninos nascem tarde e são dentes definitivos; o mesmo se verifica com os últimos molares, ou *grossos molares*, também chamados vulgarmente *queixas* Fig. 2. D-E-F.

Segundo Raspail e Girard, naturalistas que muito estudaram a dentição do cavalo em nosso paiz, conhece-se a idade do cavalo pelo modo seguinte:

«Dos cinco aos quinze dias depois da nascença», aparecem os primeiros dentes (pequenos molares e incisivos dianteiros) Fig. 3. Alguns cavalos já nascem com os incisivos dianteiros.

«Dos trinta dias aos quatro meses», aparecem os *incisivos médios*. Fig. 4.

«Dos seis aos dez meses», aparecem os *incisivos externos ou cantos*. Fig. 5.

«Dos trinta aos trinta e dois meses», nasce o primeiro molar da segunda dentição.

Os dentes que nos podem fornecer dados exactos da idade são os incisivos e os pequenos molares, especialmente as do maxilar inferior.

Aos três annos — De ordinario nascem os caninos, outras vezes, porém, só rompem aos seis annos ou pouco antes.

Aos quatro e meio annos — Com-

mumente caem os ultimos dentes de leite (*incisivos externos*) nessa occasião os de mais incisivos mostram-se encavados e bordos desiguais.

Aos cinco annos — Os ultimos incisivos estão quasi nivelados com os medios

Aos seis annos — Os primeiros incisivos (*dianteiros*) estão inteiramente razos isto é, com os bordos gastos, porém sem exceder ao resto da corôa e os ultimos incisivos (*cantos*) nivelados com os medios nessa idade o cavalo conta quarenta dentes, sem se ter em conta a anomalia que ás vezes se observa com a presença de dois ou quatro *molares supplementares*, (dentes atrophiados).

Aos sete annos — Os incisivos medios são raros e o bordo externo dos ultimos incisivos nivelados com o interno, sem, no entanto, estarem razados.

Aos oito annos — De ordinario todos os incisivos da maxilla inferior estão razos, isto é, todos da mesma altura, da qual se origina o nome de cavalo *cerrado*.

Totalmente mudados em sua fórmula, que se tornaram ovaes, em vez da cavidade que dantes tinham, apresentam uma eminencia de esmalte, mais perto do bordo posterior do que do anterior do dente, margeado por uma mancha amarellada que se prolonga em sentido transversal.

Aos nove annos — Os incisivos dianteiros da maxilla inferior se arredondam, e a fórmula oval dos medios e ultimos incisivos vai diminuindo e tomando a fórmula arredondada; o esmalte do centro revela gastamento e avizinha-se do bordo posterior.

Aos dez annos — Os incisivos medios se vão arredondando; o esmalte central fica muito perto do bordo posterior e toma tambem a fórmula arredondada.

Aos onze annos — Os incisivos medios estão completamente arredondados, e o esmalte central quasi que de todo gasto nos dentes inferiores.

Aos doze annos — Os ultimos incisivos tomam a fórmula arredondada e o esmalte central desaparece de todo, ocupando a mancha amarellada mais crescida a face superior da corôa. O esmalte dos incisivos superiores persiste.

Aos treze annos — Todos os incisivos inferiores tem a fórmula arredondada.

O esmalte central dos incisivos superiores aproxima-se do bordo posterior.

Aos quatorze annos — Os incisivos



inferiores dianteiros vão adquirindo a fórmula triangular e o esmalte dos incisivos superiores gastando-se.

Aos quinze annos — Os incisivos dianteiros já possuem a fórmula triangular, a qual começam a tomar tambem os medios.

Aos dezeses annos — Os incisivos medios tomam de todo a fórmula triangular e os externos propendem para a mesma configuração; o esmalte dos incisivos superiores desaparece.

Aos dezesete annos — Todos os incisivos inferiores apresentam a fórmula triangular.

Aos dezoito annos — Os incisivos, começando pelos dianteiros para os ultimos, successivamente se vão estirando e achatando-se.

Aos dezenove annos — Os incisivos dianteiros já se acham achatados dos lados, e os medios principiam a ficar assim.

Aos vinte annos — os incisivos medios se acham com a mesma configuração dos dianteiros.

Aos vinte e um annos — Os incisivos em geral estão achatados.

«Desta época para diante cessam os dentes de nos offerecer signaes caracteristicos do avançar da idade; se bem que cada vez mais elles se vão achatando e suas faces externas tomando a fórmula triangular, assim como se tornam descarnados, fazem-se amarellos e cobertos de camadas mais ou menos espessas de tartaro, as gengivas descoram-se, as maxillas estreitam-se, enfim tudo atestando a velhice.»

E' preciso não esquecer que o gastoamento dos dentes do cavallo pôde ser prematuro.

Nos cavallos que vivem e se alimentam em pastos rasteiros, os dentes naturalmente se gastam mais depressa do que n'aquelles que pastam em campos cujo gramado é alto; o mesmo acontece com os animaes creados e sempre alimentados em estabulos.

Schema — configuração aproximada do perfil de certas edades.

- A — 6 a 8 annos.
- B — 9 a 11 "
- C — 12 o 14 "
- D — 15 a 18 "
- E — muito velho.

Muitos outros processos de inspecção dos dentes existem para reconhecimento da idade dos cavallos, porém dependentes de conhecimentos technicos, os quaes não

cabem no presente trabalho, que é simplesmente pratico, e desse geito o processo acima preenche perfeitamente o exigido.

Paulo Raymundo

1º Tenente veterinario

Nota. No artigo anterior, «Aprumos» intercorreu um grave erro; na pagina 23, onde se lê: articulação femuro-tibial, leia-se: articulação iliacofemural.

P. R.

Raid de patrulhas de cavalaria

Por nos parecer de algum interesse publicamos a seguir, com o devido assentimento do mui distinto camarada que nos honrou com sua consulta, uma troca de correspondencia havida sobre este assunto.

Consulta. O raid de patrulhas ultimamente realizado offereceu-me ensejo de adquirir alguns conhecimentos praticos, que só o terreno proporciona; por outro lado, porém me deixou em algumas duvidas, que dizem respeito ao lançamento de uma *descoberta*.

E' sobre a situação particular do thema proposto, ponto que motivou as duvidas em que me acho, que desejo do camarada algumas explicações.

Vou fazer a transcripção da situação particular.

«Situação particular no dia 17 ás 3 horas. Partido azul.

O inimigo transpoz nossa fronteira hontem ao meio dia, tomou Bangú e atacou Realengo.

A divisão de S. Christovão marcha hoje ás 4.30 para o Campinho. Uma patrulha de official, apoiada por um esquadrão do 1º R. C., recebe ordem de partir ás 4 horas — via Penha — Irajá — Areal — Honório Gurgel — leito da Linha Auxiliar — Deodoro, com a missão de explorar desde Deodoro até Realengo, conservando-se ao norte da linha ferrea».

1º — Quanto ao itinerario «Penha — Irajá...» imposto á patrulha. Até então eu estava persuadido de que num reconhecimento desta natureza não se devia senão assignalar o *fim*, sei i precisar os *meios*, no caso, sem impôr á patrulha um itinerario fixo. E a essa convicção fui levado pela leitura de alguns autores de reputação como Cherfils e Loir, em cujas obras «Em-

prego de cavallaria» e «a cavallaria» recommendam que não se deve prescrever aos reconhecimentos itinerarios determinados.

Ha entre nós um trabalho official — o «Guia para a instrucção da cavallaria» que tambem é da mesma opinião, como se vê do trecho seguinte, extrahido da pag. 27: «A ordem dada a um official para reconhecimento deve indicar sem incerteza os pontos sobre os quaes elle deve ser feito, mas sem prescripções rigorosas *principalmente quanto ao caminho a seguir*».

2º — Pelo thema, a patrulha era apoiada por um esquadrão do 1º R. C.

Qual o itinerario desse esquadrão?

A patrulha necessitava sabel-o afim de bem encaminhar os seus despachos ou sobre elle refluir em caso de perseguição.

Se para uma patrulha, com missão analoga á do *raid*, deve-se evitar indicar o itinerario da marcha, o contrario se dá, penso, para o esquadrão de apoio: «O destacamento de descoberta, elemento de força, é estavel sobre a estrada, pôde então lhe ser dado um itinerario fixo» (Loir),

3º — «Com a missão de explorar desde Deodoro até Realengo», isto é, um sector de cerca de 6 kilometros de frente e 2 a 3 de profundidade.

Ainda aqui não percebi a necessidade de se ter dado a uma simples patrulha a missão de explorar um sector.

Um exemplo classico, tirado da guerra de 1870, veio mostrar, entre muitos outros, que uma patrulha não pôde explorar um sector. O tenente Stumm, enviado em reconhecimento para a margem esquerda do Sarre, no dia da batalha de Forbach, descobriu forças importantes, em Saint-Avold, mas informado de que em Boncheporn tambem havia tropa inimiga, para ahi corre, perdendo o contacto com as forças de Saint-Avold, e não satisfeito ainda vai até Longeville.

Caso identico, se bem que em proporções menores, podia se dar em o nosso *raid*, pois admittindo-se a hypothese de haver tropas inimigas em Deodoro, a patrulha seria forçada a perdel-as de vista para poder reconhecer até Realengo. «Um reconhecimento», diz Loir, «não tem o dom da ubiquidade, elle vai em um ponto esclarecer uma situação».

A meu vêr, a missão-reconhecimento de Deodoro a Realengo ficaria bem se fosse confiada ao esquadrão de apoio,

porque então antes deste attingir Deodoro destacaria uma patrulha para esta localidade e outra para Realengo, e talvez ainda uma outra de inferior para Villa Militar.

Como vê, os pontos de que discordo, ou melhor, que não pude perceber claramente, não deixam de ser importantes, se não isoladamente ao menos em conjunto, porque, como sabe o distinto camarada «os resultados da exploração não dependem unicamente da conducta das tropas e dos destacamentos de exploração. Elles são influenciadas essencialmente por uma organização judiciosa do conjunto do serviço de exploração (R. allemão).

A execução — Quem acompanhasse a marcha das patrulhas, notaria que umas tinham o seu serviço de segurança organizado e se deslocavam por lances de um ponto de observação a outro; outras, porém, não obedeciam a essas medidas de prudencia e justificavam-se dizendo que a marcha se fazia em territorio amigo.

Penso que os primeiros estavam mais acertados, e em meu apoio invoco a autoridade do mestre da cavallaria allemã, o general von Bernhardi:

«E' preciso escolher bons pontos de observação com o binocolo *antes* de estar em contacto immediato com o inimigo».

«Para ir depressa, o reconhecimento pôde seguir as estradas enquanto elle não se arrisca chocar-se com o inimigo. Mas *em tempo de paz, a maior parte dos officiaes marcham assim até o encontro do adversario; só então elles começam a observar, sem pensar, que na realidade o successo da sua missão estaria já gravemente comprometido, porque elles seriam inevitavelmente perseguidos e não poderiam vir causa alguma*»

Ora, pela situação do thema o inimigo já havia invadido o territorio nacional e bem podia lançar a sua descoberta para os lados de Irajá, Penha, etc., e desse modo um encontro inesperado se daria, do qual talvez sahiriam mal sucedidas as fracas patrulhas que marchassem sem as precauções necessarias.

Mas a patrulha que fizesse a sua marcha por lances naturalmente perderia muito tempo, e pelo programma da prova hippica de que tratamos o tempo era o elemento que mais influia no resultado final. Assim, a patrulha que fez melhor reconhecimento foi a n. 1, tendo gasto 6.º 21' 32" no percurso, enquanto que o

numero 5 gastou apenas 2.^h 22' 33"; a primeira foi classificada em 10^o lugar e a outra em segundo.

Não acha o camarada que n'uma prova d'estas o tempo deve intervir apenas como factor de desempate entre serviços de reconhecimento de grãos iguaes?

Taes são os pontos que mais duvidas me despertam...

Resposta. A consulta que me dirigiste sobre o raid de patrulhas de cavalaria ultimamente aqui realizado trouxe-me uma viva satisfação. Havendo eu colaborado na organização do thema e na fiscalisação do serviço de reconhecimento, aproveito com prazer a oportunidade que me proporciona de elucidar certas duvidas que certamente tambem outros concorrentes e interessados tiveram.

1º Quanto ao itinerario imposto á patrulha e não ao esquadrão.

Tendes inteira razão com a vossa convicção de que «não se devia senão assinalar o *fim*, sem precisar os *meios*» para o serviço ordenado á patrulha. Eu divirjo, porém, na interpretação: no caso em questão, a exacta prescrição de *uma parte* do itinerario não me parece uma limitação, um desrespeito á liberdade de escolher a patrulha *os meios* de realizar o seu *fim*; é apenas uma forma de fazer saber a patrulha, com indubitavel clareza, que o serviço que importava realizar era *única e precisamente* a exploração de Deodoro em diante, até Realengo.

Uma razão particular d'essa fixação do itinerario — sub-entendia-se que por ahi mesmo seguia o esquadrão — era a exigencia do programma de comparar as patrulhas no percurso que devia anteceder ao serviço de reconhecimento. E' claro que isso impunha a identidade rigorosa dos itinerarios, sem o que não haveria comparabilidade. O serviço de exploração, isto é, o desempenho da missão mesmo, começava em Deodoro, e d'ahi em diante deixava-se ás patrulhas a maxima liberdade na escolha dos meios.

Na organização do thema fôram perfeitamente levadas em conta as prescrições do Regulamento allemão para o serviço em campanha.

§ 120. Cada fracção esclarecedora deve receber uma missão precisa, sem indicações obrigatorias sobre detalhes de execução. O chefe que dá a missão deve assinalar sem ambiguidade os pontos que

especialmente lhe importem esclarecer. E' preciso ter em vista que a capacidade de esclarecimento de cada patrulha é de largura limitada.

§ 121. Os resultados do esclarecimento não dependem só da conducta das fracções esclarecedoras e patrulhas. Elles dependem essencialmente da conveniente organização do conjunto d'esse serviço. Deve-se observar perfeita unidade n'essa organização, mesmo poi economia das forças.

§ 127. O esclarecimento frontal em geral só deixa descobrir as testas das columnas inimigas; para reconhecer sua força o melhor é o esclarecimento de flanco. Mas só em situações favoraveis será admisivel penetrar na zona entre columnas inimigas.

§ 128. Todos os *commandantes de cavalaria* e os de patrulhas tanto quanto fôr compatível com a missão d'ellas são responsaveis pela conservação do contacto tomado com o inimigo.

Com este ultimo §, parece-me, fica levantada a duvida quanto á extensão da zona a explorar pela patrulha. Admittindo que desde a primeira elevação aproveitada para observar — e foi para mim uma decepcion que nenhuma das patrulhas que seguiram pela estrada de Nazareth tivesse se utilizado do morro da escola de Agricultura (500m ao N. da estação de Deodoro, junto á estrada, lado Leste) — a patrulha lograsse descobrir força inimiga, participando-o ao cdte. do seu esquadrão ficava ella desobrigada de conservar esse *contacto*, caso não lhe fosse possivel conservá-lo no prosseguimento do desempenho de sua missão.

2º Quanto á execução. A duvida fica levantada em parte pelas explicações do começo: a zona de reconhecimento começava em Deodoro. A divisão de S. Christovão estava em paiz amigo e ás 3 horas sabia apenas que o inimigo atacára Realengo. Se elle tivesse feito maiores progressos já se havia de ter noticia d'isso; portanto não era lícito «quebrar a cabeça» com hypotheses desfavoraveis.

Para a figuração do inimigo que as patrulhas deviam descobrir — o que as *bem conduzidas* só não fizeram devido ás pessimas condições de luz — fez-se a hypothese de que a divisão da fronteira retirára pela Estrada Real de Santa Cruz, perseguida pela maior parte da força inimiga, a qual des tacára uma pequena flanco-guarda (1 bata-

lhão e 1 bateria, realmente representados) sobre Deodoro.

Concordo com a opinião de que o tempo gasto não deve representar o papel preponderante que o programma lhe deu, mas distingo: na parte do itinerario commun, todas as patrulhas que se mantivessem dentro dos limites de velocidade prescriptos teriam a mesma classificação, mas na parte propriamente de reconhecimento o tempo deveria ser levado criteriosamente na devida conta, uma vez que na realidade elle seria um factor de primeira ordem.

1º Tenente *B. Klinger*

Código de signaes para a artilharia

CÓDIGO NUMÉRICO

(Continuação)

Conforme dissemos no artigo anterior, foi este sistema organizado numérica e alfabeticamente de modo a facilitar sua consulta. (*)

Exceptuam-se da subordinação alphabetică os dez primeiros numeros que, como vimos, representam as armas, as características dos numeros, o symbolo de interrogação e o signal separatorio. Este ultimo poderia mesmo ser dispensado quando se tratasse do algarismo 5 precedendo os das quatro armas principaes. (51 em vez de 501, etc.)

Como qualquer signal do primeiro sistema, exceptuados os de algarismos e o das figs. 1 e 6 (*Posição inicial* e *Código*) interrompe o effeito deste ultimo sobre os numeros, é de conveniencia empregal-os sempre que isso venha simplificar a transmissão.

Assim, p. ex. poder-se-á intercalar o gesto *alça* em logar de *distancia*; *direcção* em vez de *direita* ou *esquerda*, etc.

O inimigo occupa a collina a 200 m. ao N. de nossa posição, seria expresso quer se empregando o numero 81 do código presente, quer o signal *alça* do sistema de commandos de tiro. Não esquecer, porém, que se torna necessario repetir o signal "Código" para se proseguir em despacho numerico.

(*) Vide a relação que acompanhou o numero passado da Revista.

Por outro lado, desde que se disponha de cartas ou levantamentos da zona em que se opera, será facil aferir-se os diversos pontos notaveis do terreno de modo que cada um seja designado por um ou mais numeros: *Collina 12, ponte 23, rio 37-49*, etc.

Deste processo e dos *cioquis* perspectivos fizeram os russos um largo emprego na Mandchuria.

Nós imaginamos tambem como alludimos no artigo passado, uma folha quadriculada transparente que, collocada sobre a carta, segundo uma *linha de fé* convencionada antes de partirem os signaleiros para seus postos, permittiria definir os diferentes pontos do terreno de acordo com os numeros que sobre elles coincidissem.

Em nossos exercícios sobre o terreno, utilizamos o signal da fig. 32 (corrector) para exprimir "quadricula" no código numerico.

Deste modo, si quizermos transmittir:

A artilharia inimiga occupa o morro do Girante e si sobre este, p. ex. cahir a quadricula 26, os signaes a empregar serão: Código 530155 corrector 26 ou, mais abreviadamente: Código 530 corrector 26.

Mas o thema que se segue melhor esclarecerá sobre o mecanismo do serviço de signaleiros e sobre as vantagens que, por ventura, este *auxiliar do código oficial* possa offerecer, quando os telephones brilharem pela ausencia, como actualmente.

Thema — Uma divisão de infantaria, em marcha da Capital para Santa Cruz, pouco além de Campinho é informada de que o inimigo, tendo repellido a cavallaria no Bangú, já se achava nas proximidades do Realengo, parecendo intuito seu ocupar a Villa Militar. (Vide carta do Realengo-Deodoro.)

Proseguindo a marcha, o primeiro embate das forças antagonicas determina à vanguarda a ocupação da linha Morro dos Affonsos — Girante, sendo que a cavallaria, no flanco direito, vigia a zona ao N. e S. da estrada de ferro.

Delinea-se um combate de encontro.

O 3º grupo, que marchava no corpo da vanguarda, recebe ordem de ocupar o Morro das Cinco Mangueiras, afim de apoiar o avanço da infantaria.

Para melhor observar, o commandante desta unidade installa-se na cota 85 do M. dos Affonsos, juntamente com o commandante da vanguarda, e envia para a

Caixa d'Agua — ponto que descontina os arredores da zona a bater, um posto de esclarecedores. Como desta collina, entretanto, não se possa ver o observatorio de Affonsos, um posto *relais* é collocado no morro do Aldeamento.

No grupo, o commandante da bateria esquerda, descontinando bem toda a região em frente, mantem-se junto á bateria e liga-se ao major por signaleiros; o commandante da bateria centro installa-se junto ao major para melhor observar a zona que lhe coube e liga-se á sua unidade por sinais.

A bateria da direita, não podendo colocar-se sem inconvenientes sobre o morro, seu commandante a extende na baixada logo ao N. desta elevação; envia um posto de esclarecedores para o Girante, um de ligação para o commando do grupo e outro para a bateria e, por sua vez, vai installar-se no M. do Aldeamento.

Do lado inimigo, a infantaria, a 2000 metros da vanguarda da divisão que se lhe oppõe, avança em atiradores entre as estradas de S. Pedro e Real. Não se manifestou ainda sua artilharia; quanto a cavalaria, há indícios de que procura se insinuar pelas estradas ao N. da linha ferrea.

Organização dos postos de signaleiros

Eis, em resumo, como foi organizado para este caso o serviço de ligação.

Com o commandante do grupo: Postos de observadores auxiliares (prefixo 1): 11, no morro dos Affonso; 12, no Aldeamento; 13, na Caixa d'Agua.

Com a bateria da esquerda: Postos 02, junto ao capitão; 04, junto ao major, (a ligação com este, por parte, da bateria é expressa em numeros pares com o prefixo 0).

Com a do centro: Postos 1, junto ao capitão (no M. dos Affonso); 3, com a bateria.

Com a da direita: 1, com o capitão no morro do Aldeamento; 3 com a bateria; 04 junto ao major (sub-entende-se que 02 seria o P. 1 do capitão, aumentado de outros signaleiros); 4, os esclarecedores no Girante (a mesma observação acima, em relação ao posto 2.)

Um ligeiro exame da organização acima na qual um simples grupo, para sua completa ligação, em um caso aliás não muito complexo, necessita de dez postos

de signaleiros, sendo que tres com o commandante do grupo, como que nos leva a descrever do resultado das comunicações.

Mas o problema é realmente de difícil solução. É sabido que no terreno instinctivamente lançamos mão de todos os recursos a nosso alcance e aqui as bandeiras distintivo seriam chamadas a impedir as confusões.

Quantas vezes, em manobras, temos presenciado os auxiliares do commando multiplicarem-se em gestos, no afan de transmittirem ordens urgentes sem que, em geral, logrem ser comprehendidos!

No caso que formulamos e que aplicamos ao terreno, um posto de observadores auxiliares na Caixa d'Agua é de molde a informar com proveito ao major sobre os objectivos occasioneaes que de seu observatorio não possa este ver claramente.

Preocupado com a zona em frente, passar-lhe-á despercebido, p. ex. que a cavalaria inimiga, superior á de seu destacamento, começa a contornar a linha amiga pela região ao N. da estrada de ferro.

Figuremos, pois, o seguinte aviso daquelle ponto:

Código 520880191096

Código 2013

cuja traducção, de acordo com a relação numerica, é: *A cavalaria inimiga contorna ao N. da estrada de ferro; a acção de nossa cavalaria é inefficaz.*

Immediatamente, pelo signaleiro da bateria da direita (posto 03) o commandante do grupo faz transmittir a seguinte ordem:

Bateria direita.

Código 1410520191096

ou simplesmente: *Bateria direita*

Código 520191096.

O commandante da unidade assim designada ordenaria pelos seus signaleiros do posto 1:

Bateria tal. Peça base: 2: peça.

Deriva: Menos 1500. Em acção para a direita; etc.

Dominada como é esta região pelas collinas do aldeamento, é de suppor que a acção da bateria direita viesse perfeitamente a tempo de embaraçar a acção da cavalaria inimiga.

Um novo aspecto apresenta-se.

A infantaria contraria avança; seus esforços para apoderar-se do morro do Capão onde nossa cavallaria resiste, tendem a bom exito.

O commandante do grupo percebe a má situação da força, o que é confirmado por este despacho da collina:

Codigo 201860 corrector tal que, traduzido, significa: *Nossa cavallaria retira do Morro do Capão.*

O commandante da bateria centro, junto ao major, recebe então verbalmente a seguinte ordem:

Protegei a retirada de nossa cavallaria; pelo que, commandando a signaes, o capitão da bateria centro faz cobrir de schrapnells o morro do Capão logo que as primeiras linhas inimigas coroam-lhe a crista.

A infantaria amiga, porém, reforçada, faz progressos sob o apoio de sua artilharia; é intuito manifesto desalojar o inimigo do Capão.

A artilharia inimiga, em silencio até então, rompe contra ella um fogo de mais de uma bateria, parecendo que seus tiros vem das alturas a NE. do Polygno de Tiro. E' o que informam os esclarecedores do grupo e que, devido ao desenfiamento da bateria, só a perceberam depois de rompido o fogo:

Codigo 5301710 corrector 127.

A situação desenha-se favoravelmente aos adversarios com a paralysação da infantaria da vanguarda sob o fogo efficaz de sua artilharia; sua infantaria progride novamente apoiada no morro do Capão e hostilizada apenas por uma bateria, pois que a da direita do grupo amigo tomára para objectivo a cavallaria atacante e a do centro batia o Capão.

De Cinco Mangueiras afigura-se pouco vantajoso bater a artilharia adversa, não só pela sua grande distancia como pelo seu desenfiamento. A escolha desta posição fôra determinada sob as contingencias do momento que não comportava uma ocupação mais avançada.

Era, porém, o tempo da chegada do grosso que reforça não só a linha de infantaria como occupa o Girante com outro grupo de artilharia. O desenvolvimento escalonado em toda a frente, força a cavallaria inimiga a desoccupar de uma vez a zona N. da estrada de ferro. Este movi-

mento é confirmado pela Caixa d'Áqua no seguinte despacho;

Codigo 5201770194.

Neste interim, a infantaria, desembarracada da artilharia contraria, pela acção efficaz do grupo que occupará o morro do Girante, e apoiada pelo fogo das 3 baterias do 3º grupo, consegue avançar e prepara-se para o assalto do Morro do Capão.

Os esclarecedores do Girante transmitem:

Codigo 2025031.

Cuja traducção litteral: *Nossa infantaria antes assalto,* para bom entendedor... salve!

O Codigo numerico, a nosso vêr, proporcionará com poucos gestos as mais urgentes informações.

Providos os signaleiros de uma relação nos moldes da que organizamos com os nomes mais correntes no campo de combate, elle poderá constituir um bom auxiliar do código oficial.

Certo que, para seu emprego, se necessita de homens intelligentes e vivos, capazes de synthetisarem um despacho, dando ao mesmo tempo uma certa elasticidade aos synonimos; mas a signalisação exige um recrutamento seleccionado...

(Continua)

Pompeu Cavalcanti.

1º Tenente

Certos da conveniencia de esclarecer-se a situação relativa das «Instruções para Signaleiros» aprovadas pelo Ministerio da Guerra em 5 de Maio de 1914, e do código de signaes para a artilharia publicado pelo nosso distinto camarada 1º tenente Pompeu Cavalcanti, em o nosso n.º 13, permittimo-nos apresentar este parecer.

Diz o § 28 das citadas instruções regulamentares:

«Para mais rapida comprehensão dos casos dados com frequencia pôde-se convencionar signaes especiaes, feitos não só com as bandeiras, como com o braço, com o gorro, etc. Especialmente durante o fogo é raro se poder empregar os signaes regulares...»

O gripho é nosso.

Ahi está uma entrada franca, por onde o código Pompeu Cavalcanti pôde entrar livre e pacificamente no sistema regulamentar de signalisação.

Todos os vocabulos representados no código em questão, entendem com os casos dados com frequencia na artilharia; sua aprendizagem é facilíma, é accessivel mesmo aos analphabetos, e a rapidez da transmissão é incomparavelmente

maior do que empregando os *signaes regulares* do código alfabetico, mesmo observadas as abreviações do annexo III.

O código numerico publicado pelo mesmo autor é de grande vantagem para a rapidez da transmissão e applicável a todas as armas.

Parece-nos, pois, seria vantajosa na futura edição das «Instruções para signaleiros» :

1º — Substituir o annexo III pelos signaes do sistema vocabular Pompéo Cavalcante.

2º — Accrescentar um annexo com o código numerico.

Tilinger.

Themas de tiro para a artilharia de campanha

SOLUÇÃO E CRÍTICA SEGUNDO O R. T. 1914

III

(Continuação)

Situação — Representa-se uma phase ulterior do combate. Nossa artilharia depois de haver causado consideraveis danos ás duas baterias inimigas, que haviam ocupado posição desfavoravel, tinha-se voltado inteiramente contra a infantaria adversa, superior á nossa em numero. A noite sobreviera quando a distancia entre as linhas de atiradores adversarias já estava reduzida a 500 metros. Ambos os partidos tinham aproveitado a obscuridade para se fortificarem. A artilharia inimiga mudara de posição.

Ao romper do dia nosso commandante de grupo reconhece á esquerda 6 peças inimigas a cerca de 2500 metros e em frente, a 2000 metros uma trincheira da infantaria contraria, cuja frente tem 200 millesimos de extensão.

Nossas baterias, que durante a noite se haviam approximado da crista, podiam visar directamente. Condições de observação boas.

Ordem do commandante do grupo:

“Bateria esquerda: Fogo contra a artilharia inimiga bem visivel á esquerda! Distancia—cerca de 2500 m.! Baterias centro e direita: Tomar sob seus fogos a trincheira de infantaria que se estende do pontilhão da estrada de ferro até 200 millesimos á direita; cada uma bate a metade que lhe fica correspondente. Distancia — cerca de 2000 m.”

Acompanhemos o tiro da bateria esquerda :

Nº da peça	COMMANDO	Nº do tiro	Alça	Observação
	Sh. p.! Só a 2ª peça! A' esquerda artilharia no alto daquella collina onde se veem duas arvores copadas bem juntas! Repartir o fogo sobre as 4 peças do meio! Ponto de regulação a 3ª peça inimiga a contar da direita!			
II	Alça 2500! Fogo!..	1	2500	+
	Alça 2300! Fogo!....	2	2300	—
	Alça 2400! Fogo!....	3	2400	+
	Alça 2350! Fogo!....	4	2350	+
	Gr. p.! Toda a bat.! Alça 2325! 1 salva!	5	2325	—
		6	»	—
		7	»	?
I		8	»	+
a	Mesma alça! 1 grupo!	9	2325	{ +
		a	2325	{ (1 —, 1 ?)
IV		12		
	Mesma alça! 1 grupo!	13	2325	{ ?
		a	2325	{ (1 +, 1 —)
	Fogo sómente sobre as 3 peças da esquerda e a da extrema direita! Mesma alça! 1 salva!	14		
		15	»	—
		16	»	—
		17	»	—
		18	»	—
	Alça 2350! 1 grupo!	19	2350	{ +
		a	2350	{ (2 —)
		22		
	Mesma alça! 1 grupo!	23	»	+
		a	»	{
		26		
	Alça 2325! 1 salva!..	27	2325	+
		28	»	+
		29	»	—
		30	»	+
	(As peças inimigas a braço para traz)			
	Sh. tp.! Corrector 12!	31	2250	{ —
		a	2250	{ (1 ?) / (1 n)
		34		
	Alça 2250! 1 grupo!			
	Corrector 14! A. 2300!	35	2300	{ —
	1 grupo!	a	2300	{ (1 ?) / (1 a)
		38		
	Alça 2350! 1 grupo!	39	2350	{ —
		a	2350	{ (2 +) / (1 n)
	A. 2300!	42		

Critica do tiro — O commandante da bateria procedeu ao tiro de regulação com sh. p. e ao de efficacia com gr. p.

Certamente foi seu intuito economisar a munição desta ultima especie, de custo maior e dotação muito menor, uma vez que as regras de tiro são exactamente as mesmas para ambos os projectis atirados em percussão.

Empregando o tiro percutente agiu com acerto, pois contra baterias bem visíveis não muito distantes elle é o recomendado, com qualquer das duas especies de projectil, podendo-se contar com a demolição do material desde que convenha o grande consumo de munição que isso pôde exigir (45).

No caso do tiro percutente faz-se a regulação com uma peça, sempre a mesma, até a completa formação do garfo correspondente (33). Foi o que fez o commandante da bateria, escolhendo a 2^a peça, provavelmente por ser aquella cuja direcção da pontaria, feita desde logo sobre a parte que lhe cabia na repartição do fogo, mais favorecia a observação (63). A indicação do objectivo fez-se com precisão e a repartição do fogo foi prescripta no momento opportuno (68). A designação do ponto de regulação foi superflua, pois que pela repartição de fogo ordenada, justamente a 3^a peça inimiga era a que devia ser batida pela peça de regulação.

A regulação fez-se normalmente; com os tiros 2 e 4, alças 2300 e 2350, foram determinados respectivamente os limites curto e longo do garfo de 50 metros, que é o que se deve formar no caso de tiro percutente contra objectivos fixos (62).

Passando a atirar com toda a bateria o capitão iniciou o tiro de efficacia com uma salva no meio do garfo para verificação da **alça favoravel**, que é a que deve dar os tiros repartidos approximadamente com igualdade aquem e além do objectivo (90).

Como não era necessário corrigir a pontaria em direcção (36), pois que os apontadores visavam directamente alvos bem visíveis, e podendo ter começado o tiro de efficacia por qualquer das especies de fogo (79), teria sido mais acertado o

emprego do *grupo de tiros*, por quanto se devia neste caso pretender rapido efecto (35) afim de obstar a acção da artilharia inimiga contra a nossa infantaria, inferior em numero á do adversario.

O commandante da bateria poderia ter começado o tiro de efficacia em um dos limites do garfo se isso lhe fosse indicado pela observação dos tiros que o formaram (89).

Com a alça 2325 os tiros distribuiram-se na frente e atras do objectivo, mais ou menos com igualdade, pelo que foi acertado insistir nella (90) até que na salva 15 a 19 essa distancia pareceu não corresponder mais. Em consequencia, agindo de acordo com o R. T. (90), o commandante da bateria fez na alça uma correção de 25 metros. Vendo, depois do tiro 26 que essa nova alça dava todos os tiros longos, commandou de novo a alça 2325, na qual obteve ainda maioria de tiros longos. Consequentemente faria nova diminuição de 25 metros, passando a atirar no limite curto do garfo.

O facto de haver a alça 2325 dado tiros em maioria longos na salva 27 a 30 é devido talvez ao aquecimento do canhão, que acarretando melhor aproveitamento da carga de projecção produz em geral aumento do alcance.

Na salva 15 a 18 foi modificada a repartição do fogo por haver o commandante da bateria observado que duas peças inimigas se haviam calado, provavelmente em consequencia de serios danos. Depois da salva 27 a 30 notou-se um movimento na artilharia adversa, preparativos talvez para a saída da posição, a julgar pela poeira que apareceu na retaguarda, a pequena distancia.

Consequentemente andou bem o commandante da bateria passando logo a atirar com sh. tp. á distancia 50 metros menor do que a exactamente determinada no tiro de percussão, a qual neste caso, coincide com o limite curto do garfo (77), e empregando as tres alças de efficacia correspondentes ao tiro de tempo com schrapnell (78).

* *

Vejamos agora o que fez a bateria

centro, cujo boletim de tiro é o seguinte:

Nº da peça	COMMANDO	Nº do tiro	Alça	Observação
	Gr. tp.! Só a secção da esq.! Em frente trincheira de infantria! Repartir o fogo desde o lado direito do pontilhão da estrada de ferro até 100 milésimos á direita! Correct. 11!			
III e IV	Alça 2000! Fogo!...	1 e 2	2000	?/a :/n
	Corrector 9! Mesma alça! Fogo!	3 e 4	2000	— —
	Corrector 10! A. 2400! Fogo!	5 e 6	2400	?/n +
	Alça 2200! Fogo!....	7 e 8	2200	?/n -/b
I a IV	Alça 2300! Fogo!....	9 e 10	2300	?/n —
	Toda a bateria! Cor- rector 12! A. 2275! 1 grupo!	11 a 14	2275	? (1-) / a (2 n)
	Alça 2300! 1 grupo!	15 a 18	2300	? (2-) / a (1 n, 1 b)
	Alça 2325! 1 grupo!	19 a 22	2325	— (1 ?) / (1 a, 1 b)
	Alça 2350! 1 grupo!	23 a 26	2350	— (1+, 1?) / (1 a)
	Alça 2375! 1 grupo!	27 a 30	2375	+/ (2 ?) / n (2 a)
	Alça 2400! 1 grupo!	31 a 34	2400	+/ (1-) / n (1 b)
	Alça 2375! 1 grupo!	35 a 38	2375	+/ (2-) / n
	Alça 2350! 1 salva!..			

Critica do tiro — Escolha do projétil boa, de accordo com o R. T. (45). Em tiro de tempo a regulação deve ser feita com uma secção (33 e 52). O tiro de regulação deve ser de tempo ou de percussão, tal como tenha de ser o de efficacia (50). Assim procedeu o commandante da bateria.

Não vendo no terreno um meio de designar a extremidade direita da parte do objectivo atribuida á sua bateria, o capitão ordenou a repartição do fogo, como se vê no boletim. Assim, devendo cada peça atirar no meio da parte que lhe correspondia, 1/4 da frente, visaram todas o lado direito do pontilhão, respectivamente com as derivas 63.88, 63.63, 63.38 e 63.13 a partir da 4^a, que se achava na esquerda.

Procurando obter desde logo o corrector da regulação (29) que é aquelle que dá lugar a pontos de arrebentamento em sua maioria observaveis, isto é, por percussão ou tão baixos que se possa referir ao objectivo a nuvem de fumo no momento de sua produção ou logo depois (12), o commandante da bateria corrigiu antes do tiro a discordância que era de esperar entre a alça e o tempo de combustão da espoleta (54). Sabe-se que ordinariamente a altura normal é dada pelo corrector 12 nas distancias medias (entre 2.500 e 3.500), corrector 13 nas distancias inferiores a 2.500 e 11 nas superiores a 3.500.

Sendo duvidosa a observação dos tiros 1 e 2 elle baixou exageradamente o corrector e nos tiros 3 e 4 obteve ambos os arrebentamentos percutentes de modo que nenhuma certeza lhe podiam dar sobre o corrector do garfo, pois os tiros anteriores não tinham sido ambos altos (55).

Entretanto no tiro duplo seguinte foi feliz, fazendo no corrector alteração de 1 divisão em sentido contrario e aumentando a alça, pois para a determinação desta eram aproveitaveis os dois arrebentamentos percutentes por terem sido observados muito curtos (55), como se vê no decurso do tiro.

Tambem andou acertado na modificação da alça, cujas correccões devem ser fortes, em geral não inferiores a 200 metros (57).

O corrector 10 deu metade dos arrebentamentos baixos e a outra metade por percussão, portanto elle, no caso, era o corrector de regulação.

As alças 2.400 e 2.300 deram os limites do garfo de 100 metros, que é o que em geral se deve formar quando se faz tiro de tempo contra objectivos fixos (59). A observação duvidosa registrada em um dos tiros duplos correspondentes a cada limite do garfo nenhum prejuizo causou, pois em tales casos a correccão a seguir pode ser baseada em um só tiro (53). Entrando no

tiro de efficacia com toda a bateria o capitão aumentou de duas divisões o corrector afim de levantar os pontos de arremetimento á altura normal e diminuiu de 25 metros a alça que dera o limite curto do garfo (77), tornando-se assim 2.275 a alça — base do tiro de efficacia.

Pelo exame das observações registradas no boletim vê-se que elle agiu acertadamente empregando as seis alças de efficacia, diferentes entre si de 25 metros, peculiares ao tiro de tempo com granada (78), pois só no fim da serie é que elle conseguiu verificar que 2375 era a alça favoravel (39).

Na continuaçao do tiro o commandante da bateria passaria a empregar somente, ao lado da alça reconhecida favoravel, as duas que lhe são vizinhas, 25 metros acima e 25 abaixo (84), até que a observação indicasse o emprego de outras.

Capitão Lima e Silva.

A fortificação de campanha na França

Pelo major allemão Oberlindober

A «Instrucção pratica sobre os trabalhos de campanha» diz em seu prologo: «A fortificação não é senão um meio e não um objectivo!»

Assim para examinar as theorias francezas relativas á fortificação de campanha é conveniente começar por uma revista summaria dos principios tacticos da defesa, consagrados no exercito francez.

O «Regulamento sobre as manobras da infanteria» estabelece clara e decididamente que uma defensiva só associada á offensiva pôde conduzir á victoria, e que a defensiva passiva equivale quasi á derrota. Assim o que caracterisa a defensiva franceza é a tendencia de deter o inimigo com pequena força, destacamentos avançados, posições avançadas (ás vezes ambos esses recursos) para que elle só chegue á posição principal com as unidades em desordem, sem cohesão.

Pretendendo-se aceitar a decisão, o atacante desde sua approximação, e principalmente no ataque á posição principal deve ser hostilizado pelas reservas dos sectores, até que o commandante julgue chegado o momento de intervir com a reserva principal no contr'ataque decisivo.

Pretendendo-se, ao contrario, sómente ganhar tempo, então deve-se ocupar diversas posições successivas e ir escalonadamente retirando de uma á outra.

Combate decisivo

Os destacamentos avançados têm por missão ocupar pontos importantes adeante da posição,

difficilmente a exploração inimiga, apoiar e auxiliar a exploração amiga. Às vezes são mandados ao encontro do inimigo para detê-lo em determinada zona ou desvial-o em direcção desfavorável. Também podem ser empregados no prolongamento das alas d'uma posição defensiva ou deante delas, afim de assegurarem contra o envolvimento e, de outro lado illudirem sobre a extensão da posição; assim se induzirá o inimigo a desenvolver exageradamente sua frente, tornando mais facil seu rompimento.

Esses destacamentos pôdem ser moveis ou fixos; neste caso recorrerão á fortificação de campanha, para reforçar a resistencia (fossos de atiradores, organização defensiva de localidades), difficultar a approximação inimiga, nomeadamente nas alas e nos flancos, mediante obstaculos artificiales, facilitar a retirada na direcção conveniente abrindo passagens nas cercas ou muros divisorios, preparando caminhos de columnas, etc.

Em lugar dos destacamentos avançados ou de par com elles empregam-se *posições avançadas*. Sobre seu emprego e sua fortificação não se pôde dizer que haja unidade de doutrina. Mas em quasi todos os exemplos dos mais diversos autores militares apresenta-se a tendencia da fortificação e defesa de posições avançadas, embora com designações diferentes.

Assim o tenente-coronel Klein em seu livro «Le rôle du génie en campagne» fala de uma *avant-ligne*; o capitão Bastien fala de *ligne avancée*, e o coronel Henry diz em seu livro «La fortification dans la bataille moderne»: «É preciso observar que não se organiza mais o que se chamava outr'ora uma *avant-ligne*, isto é uma primeira posição de combate: basta ocupar certos pontos do terreno adeante da posição por *postos destacados*. Os postos destacados no momento do combate não são senão elementos dos postos avançados (*avant-postes*)».

Normand também é adversario da «primeira linha de resistencia», só reconhecendo, como Henry, alguns «avant-postes de combat».

Como quer que se chame a creança, não se pôde ignorar sua existencia, pois efectivamente os Francezes são partidarios das posições avançadas de qualquer forma. Em alguns casos com a applicação desse principio, limitam-se á ocupação de alguns postos avançados, orlas de povoações, com simples pelotões ou companhias. Outras vezes emprega-se grande parte da força total, até um terço da infantaria disponivel, com pequenas unidades de artilharia, até peças avulsas, de par com obras simuladas, dando a impressão de uma verdadeira posição continua.

Quanto á distancia entre a posição avançada e a principal, não deve ser grande demais, para que a artilharia desta possa apoiar aquella, por outro lado não deve ser muito pequena para que a posição principal não soffra com o ataque dirigido á posição avançada.

Além disso a posição avançada deve ser situada de maneira que, uma vez forçada sua garnição a retirar, logo encontre cobertura em dobras do terreno ou na vegetação, e que essa posição não sirva de ponto de apoio ao inimigo no ataque á posição principal. Os Francezes consideram essa retirada sempre realisavel mesmo após renhido combate, com o auxilio de contra-ataques.

A execução dos trabalhos de fortificação nas posições avançadas depende das intenções do

commando. A posição deve ter as comunicações francas para a retaguarda afim de facilitar a evacuação da posição; para permitir isso melhor, recomenda o regulamento, quando se trata d'uma resistência tenaz, o emprego de pontos de apoio de segunda linha, cuja organização por sua vez variará conforme se pretenda exclusivamente aí acolher a guarnição da posição avançada que retira, ou se pretenda retomar d'ahi a ofensiva.

O elemento capital d'uma posição defensiva francesa é a *linha principal de defesa*. Essa linha é definida pelos pontos de apoio ou centros de resistência, agrupamentos de fortificações intervallados em geral de 1500 metros.

Os intervallos entre esses centros ou ficam livres, para os contra-ataques, ou são fechados mediante trincheiras para infantaria, afim de impedir que o inimigo aí se estabeleça. A *massa da artilharia* é empregada em forçar a infantaria inimiga a desenvolver-se a grande distância e depois principalmente em contrabater a artilharia inimiga.

Fracções de artilharia (secções ou peças) são instaladas occultamente para o flanqueamento das proximidades dos pontos de apoio, especialmente de seus angulos mortos, (como as baterias-punhaes dos Russos).

Como na Alemanha, divide-se a posição em sectores cuja grandeza varia com as intenções do comando e a força da guarnição.

As guarnições de cada sector dividem-se na guarnição das fortificações (e, quando ocorre, de seus intervallos) com seus reforços e na *reserva do sector*. Além disso ha uma reserva comum a toda a posição, a *tropa de manobra*. As proporções dessas três fracções dependem essencialmente da situação tática.

O papel das reservas de sector consiste em executar contra-ataques inesperados, ou pouco antes do assalto, ou depois do inimigo tomar a posição (retorno ofensivo). Em ambos os casos é de maior importância a surpresa.

O emprego da reserva principal (*tropa de manobra*) obedece inteiramente à ofensiva. Em geral, ella monta a um quarto da infantaria, forte cavalaria e considerável número de baterias, e fica prompta para o contra-ataque, em geral, aír do meio da posição. Em geral, ella procura romper o inimigo quando elle está em vias de realizar o envolvimento.

Detalhes da posição principal

A designação «centro de resistência» provém da «Instrução sobre a guerra de sitio», que exige d'elles uma organização tal que o atacante sem delles se apoderar, jamais possa conquistar a posição, não obstante seu bom sucesso nos intervallos. Essa condição também foi transportada para os pontos de apoio na guerra de campo raso, e em consequência, esses agrupamentos de fortificações devem ser muito cuidadosamente organizados e poder apoiar-se mutuamente pelo fogo flanqueante.

Como pontos de apoio ou *pivots* para os movimentos ofensivos das reservas de sector e da principal elles devem possuir bom campo de tiro approximado, bem como contra os intervallos, contra os caminhos de approximação do inimigo. Em seu interior ou aír d'esses centros devem ser instaladas fracções de artilharia e metralhadoras

em capoeira, isto é, bem desenfiadas, pelo menos á vista, para flanquear o ataque approximado. Dá-se a maxima importancia ao fogo flanqueante para impedir o estabelecimento do inimigo nos intervallos e apoiar efficazmente os contra-ataques. Condição fundamental para o bom exito d'esses órgãos de flanqueamento é o desenfiamento ou mascaramento, pois reconhecidos antes de entrarem em accão, serão provavelmente destruidas sem chegar a funcionar.

Esses agrupamentos de fortificação consistem em diversos pontos de apoio naturaes ou artificiales, e fossos de atiradores que se apoiam pelo flanqueamento reciproco. Em geral, preferem-se as obras de fortificação á organização das localidades. Não constituem uma linha continua, mas apresentam pequenos intervallos por onde possam ser lançados os reforços em contra-ataques, pois mesmo nesses pontos de apoio a defesa não deve ser passiva.

Os trabalhos de fortificação de um centro de resistência ou ponto de apoio consistem na fortificação da linha de fogo, eventualmente preparo de um reducto, bem como na construção de trincheiras-abrigos para os apoios e reservas bem como trincheiras de ligação d'ahi á linha de fogo. Nessas trincheiras estabelecem-se numerosas coberturas horizontaes, observatorios cobertos, etc. Só se estabelecem obstáculos artificiales onde não se pretenda realizar contra-ataques.

O desenvolvimento frontal de um centro de resistência pôde ser de 1000 a 1200 metros, com a guarnição normal de 1 batalhão. Com os intervallos da posição, o coronel Henry calcula em 2500 metros a extensão d'uma posição principal guarnecida por um regimento, 4 a 5000 metros para uma brigada, 10 a 12 kilómetros para um corpo de exercito.

Um objecto de especial atenção é a preparação da *rapida intervenção das reservas* de sectores e da principal, nas diversas direcções possíveis. Impõe-se aír a marcação dos caminhos e muitas vezes extensas obras para caminhos de columnas. Em principio, isso incumbe aos sapadores, mas geralmente não poderão deixar de ser auxiliados pela infantaria.

Os trabalhos para preparar e facilitar a retirada, caso necessário, correspondem aos usados no exercito alemão: designação e reparação das estradas e caminhos de retirada, lançamento de pontes sobre cursos d'água aír da posição, preparo da destruição de pontes e estradas por patrulhas de sapadores. Além disso os franceses fazem muitas vezes ocupar nós de estradas ou povoações á retaguarda, ainda em pleno vigor do combate, portanto antes de sua decisão.

Entretanto o preparo de posições de acolhimento só é aplicado pelos Franceses quando de antemão está resolvida a retirada, isto é, quando só se trata de um combate contemporizador.

E' verdade que alguns autores fallam systematicamente d'uma segunda linha de resistência (Klein, Henry) ou *position de repli*; mas é porque elles não fazem distinção precisa entre o combate decisivo e o contemporizador. Ou é porque também nesse domínio ainda não ha unidade de doutrina.

Um exemplo pratico dá-nos á melhor idéa da doutrina francesa relativa á fortificação de uma posição para combate decisivo. Servirnos á um thema publicado pelo coronel Henry em 1913, no seu livro «La fortification dans la bataille mo-

derne». O autor transcreve primeiramente a solução tal como foi proposta no curso da escola de guerra em 1904/05 e em seguida a que elle propõe de acordo com as modificações sofridas pelos regulamentos. O thema (folha de Metz, da carta da Alemanha) era o seguinte:

Situação do partido vermelho: a do Exercito do Rhenô antes da batalha de St. Privat-Gravelotte a 18. 8. 70. Esse exercito pretende bater-se decisivamente fortificando-se n'uma posição na linha Roncourt — St Privat — Amanvilliers — Montigny la Grange — Leipzig — Point du Jour — Rözerieules. O corpo de exercito dá ala esquerda deve fortificar e defender a zouta ao S. de La Folie.

Thema: Quaes os trabalhos de fortificação a executar por este corpo de exercito, e qual a repartição das forças?

(Continúa)

O Gr. E. M. do nosso Exercito vae ser, por certo, um dos departamentos mais directa e accentuadamente beneficiados com a ascenção de seu ex-chefe ao Ministerio. Havendo soffrido pessoalmente os efeitos de sua organização falha e assistido impotente á insignificancia a que o reduziram, impõe-se espontaneamente ao Sr. Ministro, como um dos seus primordiaes cuidados, promover o engrugimento do Estado Maior.

E' uma tarefa ingente, sem duvida, mas facilitada pelo desejo convergente de todos os bons elementos, mesmo dos que lá se acham improductivos, e altamente honrosa, pois só por si imprimirá immorredoura gloria a quem a emprehender.

Uma outra circunstancia favoravel, de molde a facilitar o bom exito do tentamen, é, além da continuaçao do Exmo. Sr. general sub-chefe, a personalidade do novo chefe. O operoso divisionario, no commando da guarnição do Rio de Janeiro soube — apesar de todas as resistencias — exigir uma intensidade de trabalho de que até então não nos suspeitavamos capazes, revelando assim a sua decidida e sã orientação, que tão bem se applica ao Estado-Maior: *Rumo á tropa.*

Klinger.

Os picadores do Exercito

(Transcripto do *O Imparcial* de 24. 11. que gentilmente o publicou a nosso pedido).

«No Diario Official de 18 de Novembro ultimo, foi publicado, precedido de justos *consideranda*, um projecto de lei, assignado pela commissão de Finanças da Camara, mandando extin-

uir o logar de 2º tenente picador dos corpos montados e transferir os tres unicos serventuários actuaes para o corpo de intendentes, sem augmento do quadro.

Ahi se vê tambem que a commissão de Marinha e Guerra, de pleno accordo com a de Finanças, deu unanimi parecer favoravel á adopção do projecto.

Ha cerca de um anno, em o n. 2 d'A Defesa Nacional tivemos occasião de tratar do assumpto, a propósito de um projecto de reversão ao Exercito em favor dos ex-picadores dispensados por desnecessarios, na administração Dantas Barreto.

A contradicção notavel desses dois projectos não nos provoca nenhuma admiração, habituados como infelizmente já estamos todos nós á *sans façon* com que se promulgam, acobertados na irresponsabilidade do poder legislativo, e mesmo com sacrificio do prestigio pessoal dos detentores do poder executivo, leis, regulamentos e decretos que, providenciando apparentemente sobre coisas de interesse publico, não são mais do que arranjos inconfessaveis, accomodações escandalosas para os filhos, os parentes e demais protegidos dos magnatas.

O que nos admira, quasi scepticos que já nos tornamos, é que, ao envez da suppressão do quadro de picadores, uma das excrescencias da nossa organização militar, não hajam proposto sua ampliação, enchendo-o de postos e regalias, a exemplo do quadro de dentistas, fazendo em fim uma dessas *equiparações* tão em moda e tanto ao sabor da nossa falta de escrupulo e de patriotismo.

Sabem todos que se quizessemos preencher honestamente os postos de picador seria impossivel recrutar pessoal devidamente habilitado.

Mesmo na hypothese de que conseguissemos adquirir um moderno Jacome para cada corpo montado, ainda assim a instrucção ficaria prejudicada, pois é evidente que um só homem não poderia ministrá-la convenientemente a todo um regimento. A equitação deve ser ensinada pelos proprios officiaes combatentes, auxiliados pelos sargentos preparados por elles, como se faz em todos os exercitos nos quaes a honestidade profissional é um facto, e como já se vae fazendo aqui, dividido o pessoal de cada esquadrão ou bateria de artilharia de campanha em pequenas turmas nunca maiores de dez a doze homens.

Como amansador de cavallos, tambem são dispensaveis os serviços do picador, pois aos corpos não devem ser fornecidos cavallos bravios.

O que nos falta, e do que se deve tratar quanto antes, é um metodo geral e official de ensino, é um regulamento de equitação.

Nos futuros depositos de remonta tambem se pôde prescindir dos serviços do picador agaloados e caro.

Não estando organizadas algumas unidades de cavallaria, sobram-nos officiaes dessa arma, que podem muito bem administrá-las e dirigirlhes todos os serviços, auxiliados por inferiores e praças, aos quaes ministrarão a instrucção necessaria.

Sendo indispensavel, podem ser admittidos civis, mas em numero restricto e para exercerem funções modestas, como, por exemplo, a de amansar cavallos; para isso não se fazem mistérios galões e as regalias de oficial.

Assim, o recente projecto acima referido, que,

segundo a comissão de Finanças, traz uma economia de 16:200\$, torna-se digno de aplausos, uma vez tomadas as seguintes medidas complementares, tendentes a evitar que sejam prejudicados direitos adquiridos:

1º — A transferencia do 2º tenente picador deve ser para o corpo de intendentes ou veteranos, à sua escolha, mediante declaração escrita.

2º — Essa transferencia não acarretará prejuízo de antiguidade aos que já pertencerem ao quadro escolhido.

3º — Ela será precedida de uma prova de competencia para as novas funções, igual á que se sujeitaram os que já se acham no quadro escolhido.

4º — No caso de falta de habilitação ficarão os picadores agregados ao quadro escolhido, sem vencer antiguidade, até que se habilitem».

Cidade - Lima

A CONTINENCIA

Nós não concordamos que a continencia seja uma mera exterioridade *sem nehum valor pratico*, como assim a concebe um estreito utilitarismo, nem uma formula vã e apparatosa, na invencível modestia de alguns espiritos timidos ou de muitas almas desprendidas dessas cousas terrenas.

E porque a encaramos como um excellente symptoma de disciplina e uma prova irrecusavel de educação militar, é que ousamos pôr em fóco uma questão que talvez se apresente como secundaria mesmo áquelles que dedicam seus melhores esforços ao preparo technico de nossos soldados.

Certo que o gesto material da continencia por si só de pouco valeria e poderia mesmo ser supprimido, attento ao nenhum amor que consagramos ás tradições. E' innegavel, porém, que, dada a sua elevada significação e a decadencia em que se encontra, deveremos não sómente conserval-o como emprehender uma cruzada em seu favor.

Não ha ninguem, por menos exigente e observador que seja, que se impressione bem com a maneira pela qual se effectúa entre nós a saudação militar.

Irregular, multiforme, deselegante, ella é uma tortura reciproca para superiores e subordinados.

Em geral, executa-a o soldado sem entusiasmo nem convicção, antes, com visivel má vontade; corresponde-lhe o official com indifferença, timidez ou desamor.

Ha entre o inferior que se constrange, cumprindo-a, e o official que a torna incolor e penosa, um sensivel esmorecimento, uma grave falha no cumprimento de um dever militar.

Não têm razão nenhuma aquelles que se

deixam vencer diante de nossa falta de garbo como de nossa detestavel *ginga*, apontando tais defeitos como um mal irremediavel de nascença, de indelelvel cunho nacional.

A capital da Republica, o *Rio civilizado*, é a prova de que os habitos elegantes e as bôas maneiras medram até com desmedida exuberancia na alma bôa de nossos bons patricios.

Si é difficult dar aos nossos typos rudes do interior um verniz de homem polido e expurgar dos alistados das captaes esse pernósticismo que é a caricatura da elegancia e um pedantismo ingenuo, não é verdade incontestavel que vão desapparecendo da tropa as figuras grotescas dos *bojugas* e as irreverentes e aggressivas attitudes dos *Nagôas* e *Guayamús*?

Não surgem hoje apenas como uma reminiscencia de antanho as indecorosas melenas e esses abominaveis gorros de palas reversas atirados ao alto da cabeça ou puxados pacholamente para o lado?

Não se nos afigura, então, acima de nossas forças dar um aspecto mais consentaneo ao nosso excellente soldado.

Parece-nos, entretanto, que esse trabalho commun de nossos instructores no ensino da continencia e nos moldes em que elle é ministrado nos corpos, pouco contribuirá para elevar o seu nível. E' uma parte do programma que se preenche insipida e friamente, materialisada numa enumeração schematica que não pequeno esforço de memoria exige.

E isso é geralmente só no começo do anno, porque é ella um dos primeiros topicos do Guia da Instrucção. Durante o resto (e é quasi o anno inteiro) por exigencias do proprio ensino, a aprendisagem da continencia é relegada dos officiaes para os inferiores e destes para os cabos.

Tão pouca importancia se liga a esse acto de incontestavel beleza na vida militar que nos passam despercebidos certos episodios capazes de fazerem rir desabaladamente ao mais circumspecto si o caso não fosse infelizmente muito triste e symptomatico.

Ora é um tenente que recebe a continencia de general, ora é um general que nem recebe a continencia! Aqui, é um soldado que faz elegantemente uma saudação de official, alli um que vira o rosto para esquivar-se de cumprimentar os seu superior.

Uns quadram-se apenas á passagem de um coronel; outros, pernas afastadas, n'uma attitude de manifesto desapreço, traçam descuidosamente um gesto inexpressivo qualquer que, aliás, o livra de maiores incommodos.

A falta de exigencia e de repressão tem condizido ás suas logicas consequencias: é permit-

tido fingir que não se vê o superior; é concedida a mais ampla liberdade na forma de homenageal-o.

E como é grande o numero dos officiaes que se furtam á saudação de seus camaradas e superiores!

Quaes os responsaveis directos por este estado de cousas a que attingimos, é tarefa que, de preferencia, affectariamos aos psychologos e aos tribunaes da Historia.

O que é preciso é acabar com isso e, por conseguinte, o que é necessário é encontrar um meio que, entre as soluções imperfeitas a que nos temos que resignar, possúa a maxima efficacia e oportunidade.

Não sejamos sómente «bravos e technicos»: paguemos convictamente um necessario tributo ao formalismo de nossa carreira.

Acreditamos que a situação precaria a que chegaram as relações entre officiaes e praças não seja decorrente das idéas democraticas dominantes na tropa; mas dos habitos burguezes que cada vez mais as avassalam.

Si os velhos e traquejados camaradas recordam-se com saudades dos tempos aureos da Corôa, quando, ao seu modo de vêr, a disciplina era mais rigorosa do que actualmente, é preciso não esquecer que a influencia da escravidão era então bem sensivel nos quartéis.

E' pela comprehensão e não pelo terror, a despeito das medidas violentas tantas vezes prementes, que teremos de actuar hoje sobre os nossos soldados; é pelo exemplo e pela competencia que nos imporemos aos nossos commandados como aos nossos chefes.

Uma campanha em prol da continencia ou, mais precisamente, da attitude do subordinado perante o superior, deverá então começar pelos officiaes...

Porque não emprehendel-a?

E' indiscutivel que ha quem trabalhe na tropa da madrugada ao anoitecer; move a esses officiaes não sómente o desejo honesto de bem cumprarem os seus deveres como um decidido amor pela carreira que abraçaram. Claro que essa dedicação tem varios graos e aspectos: fructos da falta de homogeneidade com que nos constituímos.

Mas si é consolador constatar o trabalho intensivo com que se prepara um apontador ou se faz um bom atirador ou signaleiro, é lamentavel observar como a maioria assume o commando de sua unidade e mantem a linha de chefe entre os seus commandados.

Que se não melindrem os bondosos camaradas ainda não blasés: não lhes desconhecemos aptidões e sentimentos capazes de imprimirem o

maior entusiasmo aos nossos abatidos soldados, jovens, na grande maioria.

O que é mistér é um accôrdo tacito entre os officiaes, uma ação convergente tendendo a completar o feitio militar de nossos homens, imprimindo á continencia uma expressão franca e respeitosa.

E, a esse respeito ha um detalhe cuja observancia auxiliaria muitissimo efficazmente a sua melhor execução: é preciso que o subordinado encare resolutamente o superior a quem saúda. Tal attitude como que dá um verdadeiro ponto de apoio á continencia, que se torna firme, franca, desassombrada como já mais pôde fazel-a quem saúda olhando para o chão ou para o outro lado. Este detalhe não está prescripto; mas tambem nada o prohíbe: urge adoptalo.

E, pois que vamos reencetar no proximo mez a *Escola de recrutas*, mostre cada um que, nisso como em tudo, os nossos soldados possuem officiaes...

Compte Cavalcante

Politica e lei de promoções

O afastamento dos militares da politica é um principio essencial que hoje no seio do Exercito ninguem contesta; todos almejam vel-o praticado.

Seria absurdo querer impedir que os militares, *cidadãos como outros quaesquer*, sejam eleitos para cargos publicos ou concorram com seu voto para a escolha dos mandatarios do povo. Mas não menos absurdo é tambem querer que os officiaes eleitos na qualidade de *cidadãos* conservem, durante seu mandato, as vantagens de militar, quanto ao soldo e ás promoções, como se estivessem em effectividade de serviço.

Dessa maneira, promovendo aos que desertam da classe e abandonam seus deveres, não se faz mais do que estimular os que ficam, a seguirem o mesmo rendoso caminho e desencorajar para os arduos trabalhos da tropa os que não se sintam com feição para vencer na politica.

Demais prova-se assim que não é preciso ter aptidão militar para ser promovido e iguala-se a promoção a uma especie de *ordem honorifica* com que se premeiam serviços de qualquer especie, quando o que por toda a parte se sabe é que ella equivale a uma demonstração de confiança para arcar com maiores responsabilidades, o que exige uma competencia evidenciada em postos anteriores.

Como se pode, pois, elevar de tenente a general um militar na politica, sem demonstrar

com esse acto que, acima dos interesses da defesa nacional, estão os pendores sentimentaes dos homens que governam?

Essas considerações encarnam idéas hoje aceitas em todo o Exercito e fazem parte, por assim dizer, de sua mentalidade collectiva. Só os interessados, presentes ou latentes, as repudiam.

Ainda no numero de Novembro do Boletim do G. E. M. o Sr. general Müller de Campos, tratando deste assumpto, propõe que "os officiaes que desempenharem cargos de eleição federal, estadual e municipal, e os que exercerem cargos ou commissões civis, sejam considerados em disponibilidade absoluta desde o dia da posse do cargo, emprego ou commissão." E é de opinião que "não terão direito de contar antiguidade, nem perceberão soldo ou outra qualquer vantagem pecuniaria pelo Ministerio da Guerra, enquanto durar a disponibilidade."

Essas e outras idéas expendidas pelo illustre general são esposadas por todo o Exercito, consultam em alto grão os interesses da Nação e só esperam que o Congresso lhes dê o caracter de lei.

O que, porém, não consulta nem os interesses do Exercito, nem os da Nação é a idéa absurda de restabelecer o posto de marechal, em tempo de paz, com funcções de commandante de corpo de exercito, fixando logo o numero de quatro para seu quadro!

Nenhum exercito como o nosso, onde não ha divisões, onde a *brigada estrategica*, (que Deus lhe fale n'alma) a nossa maior unidade do tempo de paz, não logrou ser organisada e vive reduzida a misero esqueleto, sem mesmo ter á frente os generaes que as deviam commandar, é sim-plesmente estranho propor a creaçao de quatro marechaes para commandar quatro corpos de exercito, quando toda a nossa força de terra, quando mobilizada, mal dá uma dessas unidades.

E o que mais singular se nos afiuga é querer fazer essas promoções, (*sem augmento de despeza!*) como se fossem necessarias, "diminuindo sem o menor inconveniente para a instrucção e o serviço, o numero de 2º tenentes das armas combatentes, na razão de um por companhia, bateria e esquadrão", para com os vencimentos que a estes cabem serem cobertas as despezas com os quatro marechaes.

E' a inversão completa das coisas. Acabar com os combatentes, com os que justificam a propria existencia do Exercito, como desnecessarios, para augmentar a parte representativa e burocratica!

Desejavamos que o illustre general nos demonstrasse como, diminuindo um 2º tenente por pequena unidade não ha inconveniente para a ins-

truçao e o serviço... E desejavamos ainda que S. Ex. nos dissesse o que vamos fazer desses quatro marechaes!

Ledito

Emprego e exame do material telephonico da artilharia de campanha allemã

Cada linha (ligação entre duas estações) é servida por uma patrulha de telephonistas, que comprehende 2 cavalleiros e 2 artilheiros a pé; um dos cavalleiros é sargento e chefe da patrulha.

O material é acondicionado na viatura-observatorio, e consta de tres apparelhos telephonicos para cada commando de grupo e de bateria — portanto n'um grupo ha doze apparelhos — seis linhas.

Sendo de prever um combate imminente o material passa a ser conduzido pelos 2 cavalleiros da patrulha de telephonistas. Cada um delles transporta uma bateria telephonica ás costas, um phonoscópio com accessorios em uma bolsa pendente do cinturão (é um orgão de audição que pôde ser mantido adaptado a uma orelha, ficando o servente com as mãos livres), um telephone militar n'uma bolsa adaptada á patilha da sella, dois carreteis de fio conductor, um á direita outra á esquerda da sella, uma maneia para a montada, um blôco para avisos e um jogo de bandeirolas de signaleiro.

O chefe da patrulha de telephonistas é responsavel pela ligação telephonica, bem como de signaleiros, e na falta de ambos os systemas, pela transmissão á viva voz (cadeia de transmissão).

Os serventes-telephonistas a pé seguem na viatura-observatorio ou n'uma viatura-munição e, tirados os armões, apresentam-se na estação telephonica mais proxima.

Cada bateria precisa ter homens sobresalentes instruidos como telephonistas.

O estabelecimento duma linha é feito, em geral pelos telephonistas montados. O servente que fica na primeira estação apeia, maneia seu cavallo, tira um carretel da bolsa e enfa o cabo em seu olhal, desenrola uns dez metros (para poder, eventualmente, mais tarde mudar a estação) e fixa a extremidade no seu sabre fincado no chão, ou n'uma arvore, etc. O outro

telephonista a cavallo desenrola, montado, o fio até á outra estação. Se um carretel não chegar liga-se ao extremo de seu fio a ponta de outro carretel; essa emenda é feita com um nó de tecelão, que se envolve com a fita isoladora. Estendido o fio, os dois homens se scientificam disso por meio de signaes e installam as estações: ligam o phonoscópio ao telephone, ligam o telephone por meio do contacto de 2 bornes á bateria-telephonica, ligam a ponta do fio conductor (na contra-estação — a ponta interna do carretel si não tiver sido todo desenrolado) a um dos tres contactos de linha *L* evitando que elle toque o de terra *E* ou o fio a este ligado.

O sabre que serve de conductor á linha de terra deve ser bem enterrado, o fio bastante enrolado na lamina e ligado ao contacto da terra *E*; si o sólo for muito secco convém empregar mais de um sabre para enrolar o fio de terra.

Para estabelecer uma linha dupla os dois cavalleiros observam um intervallo de pelo menos 2 metros; os telephonistas a pé, protegem a linha, nas immediações da estação e nos pontos provaveis de transito sobre ella, cobrindo-a de terra. Experimenta-se a ligação estabelecida e aprompta-se as bandeirolas de signalizar.

Si a linha não funciona: examinar a bateria telephonica, si todos os fios estão bem apertados, si ha contacto indebito de fios, si os bornes do telephone estão bem encaixados; examinar a linha, especialmente os pontos de fixação e as emendas, isolar os trechos de arame descoberto; si a trombeta do telephone não funciona, empregar a trombeta sobresalente ou assobiar no phone.

A's vezes sacudindo o telephone o apparelho passa a funcionar.

Póde-se tambem fazer as communicações (receber e transmittir) pelo phonoscópio de cabeça.

Exames e reparações do material telephonico

Antes da utilisação do material é preciso de cada vez examinar a bateria electrica, a trombeta, o phonoscópio, o microphone, etc.

Se os apparelhos apanharam agua ou humidade no serviço é preciso tiral-os das bolsas e seccal-os longe do fogo.

1. Se a tecla phonica estiver inchada (a trombeta não sôa), tiram-se os parafu-

sos e secca-se cuidadosamente o punho de madeira.

Se o annel de borracha que está solto sobre o microphone humedece-se (não se consegue ouvir) é preciso retiral-o e secá-lo.

3. A trombeta deve ser examinada ligando o telephone a uma bateria-telephonica que funcione bem (com 2 elementos) e estabelecendo um curto circuito entre um contacto de linha *L* e o de terra *E*. Si sahir um som abafado é que o contacto da trombeta precisa ser limpo; si não sahir som nenhum é que a tecla phonica está empeirada.

No 1º caso tira-se a placa cobridora e affrouxa-se o parafuso de pressão. Retira-se o parafuso de contacto da trombeta limpá-se sua ponta e torna-se a collocar cuidadosamente, até que se obtenha um som limpidio.

Rearram-se as outras peças.

No 2º caso é preciso retirar a peça e limar convenientemente a tecla phonica.

4. A's vezes é preciso substituir os phonoscópios dos telephones como no n. 3; calcando então o botão de uma trombeta em perfeito estado, o phonoscópio em exame deve reproduzir nitidamente os sons.

Si tal não se der será preciso torcer os parafusos da face posterior.

Póde tambem ser necessario substituir a placa receptora.

Para examinar os phonoscópios de cabeça, em lugar do curto circuito, liga-se um dos seus bornes por um arame a um contacto de linha *L*, o outro ao contacto de terra *E*.

5. Para experimentar o microphone estabelece-se o curto circuito como no n. 3. E' preciso que ambos os phonoscópios reproduzam nitidamente o som da trombeta cada vez que se calcar a tecla phonica.

Não sendo assim tiram-se os dois parafusos que prendem a tampa da capsula microphonica, tira-se a tampa e o annel de borracha e levanta-se cuidadosamente o microphone. Si a placa vibratoria estiver damnificada será preciso substituir o microphone, caso contrario proceder-se-á ao rigoroso asseio da capsula e do annel de borracha.

6. Examina-se a bateria electrica por meio d'um galvanometro; n'um elemento

novo o ponteiro deve marcar 1,5, e calçada a tecla voltar ao traço vermelho.

Si os elementos tiverem se affrouxado será preciso fixal-os com papel. Os fios de arame no interior da caixa devem ter o aspecto metallico branco, e os parafusos devem estar firmes. E' preciso enxugar os pontos humidos que os elementos porventura apresentem.

7. Si se molhar o fio conductor é preciso enxugal-o. O fio arrebatado solda-se com *Tinol* — por meio de um phosphoro e envolve-se a emenda com fita isoladora. A emenda transitoria de dois fios (quando um carretel não chega para a linha) faz-se com um nó de tecelão, isolando-se egualmente a emenda.

Experimenta-se a conductibilidade do fio por meio do galvanometro; os fios já usados devem ser primeiramente desenrolados e examinados sobre a integridade de seu revestimento.

8. O carretel do fio não deve apresentar pontos descobertos de pintura; caso appareça algum é preciso pintal-o com verniz de asfalto.

9. Depois de cada serviço o material telephonico tem que ser limpo, reparado si preciso fôr e examinado, sob as vistas do chefe da patrulha.

O chefe da patrulha de telephonistas é responsável pela conservação e bom estado de funcionamento do material telephonico como um chefe de peça o é pela sua peça.

(Extr. do Wernigk — Manual para a artilharia de campanha.)

Klinger

O alto commando do Exercito

O illustre titular da passional da Guerra, que tão brilhante programma administrativo traçou nas paginas d'esta Revista, vae ter muita resistencia que vencer, antes que possa colher os fructos das patrióticas medidas que se propoz executar no Exercito.

Não será, certamente, nos pequenos postos, onde se deseja trabalhar pelo soerguimento da tropa, que S. Ex. encontrará as mais fortes resistencias. E não se nos diga que phantasiamos. Para se ter uma idéa do estado a que nos conduziu a nossa desorganisação militar, basta examinar o quadro dos generaes e ver como se achavam repartidos pelo territorio nacional os seus illustres membros a 15 de Novembro ultimo.

Antes do mais, e bem a propósito para a época de economias que atravessamos, convém deixar assinalado que os quadros dos generaes de divisão e de brigada estão mais do que completos...

Assim, pela lei, são:

Generaes de divisão 8; temos 11
» » brigada 20; » 24.

Portanto, 3 de divisão e 4 de brigada no quadro supplementar.

As commissões que aos generaes de divisão cabe desempenhar são: Inspectores da IX, XI, XII e XIII Regiões; Chefes de Gr. E. M. e de D. G. eventualmente, Ministro da Guerra. Ao todo 7

A 15 de Novembro só a IX Região tinha a sua frente, como Inspector, um general de divisão. Exerciam as funcções que a lei reserva a seus postos, 4

Chefe do Grande E. M.

Inspector da IX Região

Chefe do D. G.

Ministro da Guerra.

Achavam-se à frente de cargos civis

Prefeito d'esta Capital

Governador de Pernambuco.

Estavam sem commissão 3

Em outras funcções:

Inspector do Collégio Militar 1

Director do Arsenal de Guerra 1

Total 11.

Desses 11 generaes, 10 estavam n'estatal e um no Norte, como presidente de ui

Das commissões de generaes de brigadas achavam-se vagas as inspecções das I, II, III, VII Regiões, as quaes tinham á sua frente caes superiores ou capitães.

Só as V, VIII, X, XI e XII Regiões sna testa generaes de brigada, a ultima general de divisão.

Das 5 brigadas estratégicas, só a 1 eram commandadas por seus generaes tambem a brigada Mixta Provisoria, d'etal. Todas as brigadas de cavallaria estavam seus generaes.

Os 24 generaes de brigada estavam distribuidos:

Sem commissão n'esta Capital 7

Inspectores de Região 5

Cdtes. de brigada do Exercito 1

Brigada policial, 1

Sub-chefe do Gr. E. M. 1

Inspector de fortificações 1

Chefe da Casa Militar do Presidente

Ministro do Exterior 1

Chefe da Comissão de compras na Europa 1

Chefe da Comissão de limites com o Uruguai 1

Inspector do Asylo de Invalidos 1

Inspector de linhas de tiro 1.

Total 24.

Desses 24 generaes de brigada, 19 achavam-se nesta Capital. Ao todo 29 officiaes generaes no Rio de Janeiro.

Leitão

Engajamento de inferiores

Uma medida de que se precisa cuidar desde já, se fôrposta em pratica — como tudo faz crer — a idéa de dar aos corpos effectivos normaes, é o estabeleci-

nento de condições para o engajamento dos inferiores.

Com um effectivo orçamentario reduzido, como vae ser o do proximo anno, para dispor de *effectivos normaes*, em uma ou duas divisões, será preciso deixar muitos corpos reduzidos aos officiaes e sargentos. Haverá, portanto, certas despezas a fazer com essas *carcassas* inuteis; será preferivel dissolver-as provisoriamente.

O officiaes, pela fixidez dos quadros, permanecerão e poderão servir addidos os dotados com effectivos normaes, parte, por escala, nos exercicios; sargentos, que servem por tempo terão que ser excluidos á propor terminarem seu tempo de serviço. m, só dois annos após, seriam os ultimos sargentos, que inutil-pesariam no orçamento da guerra. então preferivel, para regularizar oidamente essa situação, aproveitar s que se dessem em todo o Exercito abelecendo um conjunto de con-satisfazer para os que se queiram ou reengajar.

Partir de 1º de Janeiro, ficariam su- um concurso todos os sargentos endo bom comportamento e robu-stica — fossem concluindo seu tempo. oncurso poderia versar sobre: Instrucção individual da arma, ta-continencias, nomenclatura. Escola de companhia (esquadrão, e tactica dessas unidades. Escripturação militar nas pequenas s.

Esse modo, colher-se-ia um duplo resultado: restringia-se pouco a pouco o quadro dos sargentos aos corpos dotados com effectivos normaes; fazia-se uma selecção, conservando sómente os melhores elementos.

E convinha respeitar os arts. 68 e 72 da lei de 4 de Janeiro de 1908 (engajamento por prazo não superior a tres annos e applicar aos reengajados as disposições relativas aos engajados) para que pudesse ser evitado um eventual afrouxamento na dedicação ao serviço por parte dos inferiores. Taes inferiores ao terem baixa do serviço activo poderiam ser logo incluidos no quadro de officiaes da reserva, como prevê o art. 70, dispensando o exame ahí referido.

Uma vez estabelecido o programma pelo Gr. E. M., os concursos serão organizados pelos commandantes de divisões (ou inspectores de região), em cada regimento, sendo as commissões examinadoras constituídas por officiaes de outro corpo.

Klinger-Lentus

Professores militares

Sob o titulo "O Sr. Azeredo, os professores militares e a emissão de papel-moeda" a *A Noite* de 2 do corrente insere:

"Uma commissão de officiaes do Exercito, procurou hoje, no Senado, o Sr. Antonio Azeredo, cujos serviços foram solicitados para patrocinar a causa dos professores dos collegios militares, que devem receber, como gratificação, a quantia de duzentos e muitos contos de réis, por uma lei já aprovada na Camara e dependente do apoio do Senado.

Os officiaes disseram ao Sr. Azeredo que temiam vir a discussão, na nossa Camara Alta, antes da proposição que lhes manda dar a gratificação, o crédito para os pagamentos da Central do Brasil.

— Neste caso estará fatalmente prejudicada a nossa pretenção disse um official. O pavor despertado pelos créditos da Central não permitirá que se vote a nossa gratificação.

E' preciso, pois, que ella entre já em discussão no Senado.

O Sr. Azeredo acalmou os officiaes nestes termos:

— Teremos breve uma grande emissão de papel-moeda.

Não ha outro remedio, e com ella tudo se arranjará. Nem a Central ficará sem os créditos, nem os Srs. sem a gratificação. Estejam descansados e confiem em mim. Eu voto contra a emissão no Senado; mas, trabalharei por ella fóra daqui e o governo ha de fazer a emissão. Fiquem tranquillos.

Os officiaes effectivamente sahiram tranquillos . . ."

Repugna acreditar que officiaes do Exercito, principalmente educadores da juventude, andem pedinchando gratificações por meios tão pouco decorosos nos correidores do Senado ou da Camara ao envez de se absterem patrioticamente de exercer qualquer influencia sobre as resoluções legislativas.

Mas, o que é facto é que, precisamente ha um anno, o *O Imparcial* por sua vez noticiou que uma commissão fardada fôra ao Senado implorar ao sr. Pinheiro Machado sua protecção para que não cortasse no orçamento respectivo a gorda maquia que presentemente recebem os professores militares e que dá lugar á escan-

dalosa *equiparação económica* dos jovens tenentes professores aos velhos coronéis não pertencentes ao *mundo intellectual militar*.

Não são unicamente as imposições do angustioso momento financeiro actual que tornam opportuno e mesmo urgente o exame e consequente revisão dessas gratificações especiais concedidas sob varios pretextos; são tambem motivos de ordem moral, mais importantes, intimamente ligados á disciplina militar.

Como se justifica, por exemplo, o enorme accrescimo de vencimentos concedido ao official professor, ainda mesmo quando afastado do magisterio?

Sua função é ou não militar?

Sua representação social é ou não a mesma dos outros officiaes?

Trata-se de *pagar um maior esforço intellectual*?

O leitor consciencioso e desinteressado que responda a si mesmo, lembrando-se dos danos que ao Exercito têm causado a pedantocracia militar.

Lima

Fusil 1908 Accentuam-se as disposições honestas da nova administração militar: acaba de ser mandado entregar á tropa o novo fuzil, que até agora envelhecia nos depósitos da Intendencia, creando lendas e levantando polemicas. Com a entrada da nova arma em serviço, veremos com quem está a razão, que oxalá caiba toda aos seus defensores ardorosos.

O conhecimento do estado á que chegaram todos os fuzis 1895, em todos os corpos leva-nos a alvitrar a proibição do pagamento ás praças, a *título de limpeza*, de lixa e pó de tijolo, responsabilizando os capitães pelas armas assim estragadas nas unidades que commandam.

Sempre que o armamento é tratado com a devida solicitude, desaparece a necessidade dos brutaes lixados, que vão da soleira á alça de mira.

Leitão

Subscrição para as famílias das vítimas dos "fanáticos" do Contestado

N. da lista	PROCEDENCIA	QUANTIA
2	Gab. Ministerio Gen. Vespasiano	270\$000
»	Haupt & C.	300\$000
3	Chefia E. M. Gen. Faria	76\$000
4	Secções do Gr. E. M.	130\$000
5	D. C.	31\$000
	A transportar.....	807\$000

Transporte	807\$000
9 G. 3.....	115\$000
17 Escola E. M.....	158\$000
18 Alumnos dita.....	7\$000
20 Fabr. Realengo.....	40\$000
24 Arsenal P. Alegre.....	50\$000
27 Militares Deputados.....	10\$000
29 Inspecção General Aguiar.....	130\$000
30 1º Brigada Estratégica	75\$000
33 Officiaes do 1º R. I.....	90\$000
Praças »	255\$400
37 Officiaes 55º Caçadores.....	200\$000
82 Praças 1º C. 55 Caçadores	62\$000
83 » 2º C. »	16\$900
84 » 3º C. »	25\$000
40 Officiaes do 13º R. Cavallaria...	88\$000
41 » e praças 1º E. Trem..	50\$000
44 » 2º Gr. Art.....	60\$000
100 Praças 1º B. e e. m. 20º G....	77\$000
101 » 2º B. » »	23\$400
102 » 3º B. » »	7\$000
45 Officiaes Gr. Obuzeiros	34\$000
103 Praças da 1º B. Obuzeiros	43\$500
104 » 2º B. »	28\$500
123 Inspecção General Setembrino..	195\$000
206 Officiaes do 49º Caçadores	30\$000
207 Praças 1º C. »	29\$900
208 » 2º C. »	6\$500
209 » 3º C. »	10\$400
224 Officiaes do 4º R. Cav.....	70\$000
225 a 228 Praças »	160\$000
Obtido pelo Sr. Capitão de Corveta Th. Jardim	60\$000
Somma	3:014\$600
A Deduzir:	
Impressão das listas	16\$000
Expedição	17\$000
Saldo.....	33\$000

EXPEDIENTE

Por haver sido distinguido com um cargo no gabinete do Exmo. Snr. Ministro da Guerra, d'ou de pertencer á redacção desta Revista, des 16-11-914, o Sr. 1º tenente Estevão Leitão de Cvalho.

A idéa da fundação de um orgão como este desde algum tempo despontará entre diversos camaradas — impressionados pela gravidade desorganização militar do paiz e desejosos contribuirem para uma sã orientação — teve nosso esforçado camarada o seu incorporador: elle quem soube apanhar um momento oportunidade e congregar elementos para tornal-a uma realidade.

Desde então ninguém o excedeu, estimulando e agindo. O desdobramento continuo de sua actividade multiforme nos variados domínios da vida interna como externa deste periodico, onde se espelha toda a sua pujante e nobre combatividade, imprimiu á Revista o seu facies, já hoje confundível.

Klinge

*
Com este numero distribuimos o *setimo ciclo de Griepenkerl*.

*
Aviso aos artilheiros. Venda avulsa do codig de signaes Pompéo Cavalcante: 2 exemplares, \$500 Rs; duzia, 2\$500.